LARISSA STAURENGO FERRARI

PARTICIPAÇÃO DA IL-33 / ST2 EM MODELO DE ARTRITE SÉPTICA EM CAMUNDONGOS

Londrina
2011

LARISSA STAURENGO FERRARI

PARTICIPAÇÃO DA IL-33 / ST2 EM MODELO DE ARTRITE SÉPTICA EM CAMUNDONGOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patologia Experimental da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Patologia Experimental.

Orientador: Prof° Dr° Waldiceu Ap. Verri Jr.

Londrina
2011

Catalogação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F375p Ferrari, Larissa Staurengo.
Participação da IL-33/ST2 em modelo de artrite séptica em camundongos / Larissa Staurengo Ferrari. – Londrina, 2011.
95 f. : il.

Orientador: Waldiceu Aparecido Verri Júnior.
Dissertação (Mestrado em Patologia Experimental) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Patologia Experimental, 2011.
Inclui bibliografia.

1. Artrite – Teses. 2. Artrite – Infecções estafilococicas – Teses. 3. Articulações – Doenças inflamatórias – Teses. 4. Citocinas – Teses. 5. Estafilococos aureos – Teses. I. Verri Júnior, Waldiceu Aparecido. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Patologia Experimental. III. Título.

CDU 616.72

LARISSA STAURENGO FERRARI

PARTICIPAÇÃO DA IL-33 / ST2 EM MODELO DE ARTRITE SÉPTICA EM CAMUNDONGOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patologia Experimental da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Patologia Experimental.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Waldiceu Ap. Verri Júnior.
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Wander Rogério Pavanelli
UEL – Londrina - PR

Prof. Dr. Thiago Mattar Cunha
USP – Ribeirão Preto -SP

Londrina, 25 de Fevereiro de 2011.

À Deus,

aos meus pais, Sérgio e Giselda,

aos meus irmãos, Andressa e Gabriel

e ao meu noivo Rogério.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por estar ao me lado sempre, em todas as etapas vencidas, me dando luz, sabedoria e discernimento para as coisas mais difíceis.

Ao meu pai, Sérgio, por não medir esforços para realizar meus sonhos, por ter sempre as palavras certas de carinho e conforto, um ombro amigo e colo de pai em todos os momentos; à minha mãe, um exemplo de mulher e esforço, que sempre esteve comigo em cada passo, se dedicando a minha formação intelectual. Aos meus queridos irmãos, Andressa e Gabriel pelo companheirismo e alegrias compartilhadas. Amo muito vocês!

Ao meu grande amor e companheiro, Rogério, que durante esse período dedicou-se de maneira incansável para que eu realizasse o cumprimento de minha tarefa com os estudos e compartilhar os mesmos sonhos que eu. Obrigada pela credibilidade, incentivo e compreensão e principalmente pelo amor e paciência incondicionais. Amo você!

Aos meus anjos que cuidam de mim, meus avós Roque e Maria Onilde, por me darem força enquanto estavam por perto e nunca me deixarem desistir dos meus sonhos. E as minhas avós que ficaram ao meu lado com palavras sábias e amorosas, Iracema e Gercira.

Aos meus padrinhos Sueli e José Luiz, pela força, credibilidade e carinho e a agregada da Família, Maria.

Ao Prof. Dr. Waldiceu Aparecido Verri Júnior, por me dar a oportunidade de trabalhar em seu laboratório e fazer parte de sua equipe durante esses dois anos, pela sua paciência ao ensinar e também pela sua força e determinação admiráveis, e por ser um incansável pesquisador mesmo quando todas as condições se mostraram adversas. Obrigada!

A Profª Drª Halha Ostrensky Saridakis, por abrir as portas de seu laboratório e discutir inúmeras vezes sobre microbiologia quando tive dúvidas e sem dúvida pelo seu carinho imenso. E ainda, a Prof. Jacinta S. Pelayo e a técnica Claci.

A todos os professores do programa de mestrado em Patologia Experimental, que foram fundamentais para minha formação.

Aos técnicos Zui e Pedro, pelos inúmeros reagentes pesados, pelas várias lâminas histológicas cortadas e coradas, e ainda, por ouvir palavras amigas e dar boas risadas que facilitaram o desenvolvimento do trabalho.

Aos colegas de Pós-graduação, em especial: a Sara, Marlusa, Tati, Natália, Flávia e Amanda, obrigada por me ajudarem na elaboração dos trabalhos, pela madrugadas acordadas montando apresentação, pelos ombros amigos e pelas cantorias no Koala, que deixaram os momentos tensos mais felizes. Adoro vocês!

Aos colegas de laboratório: Ana Carla, Ana Clara, Bárbara, Carla, Cássia, Felipe, Francielle, Giovanna, Gabriela, Mab, Miriam, Paula, Sandra, Sérgio, Thacy e Victor. Obrigada pelas diferentes maneiras que cada um colaborou para o desenvolvimento desse trabalho, desde o auxílio com a manutenção dos animais ou pelas discussões científicas dentro do laboratório ou nas parcerias durante os experimentos.

As amigas de apartamento, Fernanda e Fabíola, pela paciência ao dividirmos o mesmo teto, mas acima de tudo pela união. Muito obrigada por tudo!

A amiga Thaís Herrero Geraldino, por me hospedar todas as vezes que precisei em Ribeirão Preto. Obrigada por tudo!

As amigas forever, Mariana, Gabriela e Paula, por compatilharem comigo a alegria e companheirismo. Amo vocês!

Aos professores Dr. Sérgio Henrique Ferreira e Dr. Fernando de Queiroz Cunha, pela parceria e oportunidade de trabalhar em seus laboratórios em Ribeirão Preto-

USP. Assim como, suas alunas: Sílvia Celone Trevelin e Daniele Nascimento e seus técnicos de laboratório: Kátia, Giuliana, Sérgio e Ieda.

Aos professores José Carlos Alves-Filho e Sandra Fukada, pelas discussões e contribuições significativas durante as realizações dos experimentos em Ribeirão Preto.
Aos professores Dr. Rodrigo Cabral Luiz, Dr. Wander Pavanelli e ao Dr. Thiago M. Cunha por terem aceito o convite de participar da banca examinadora e disponibilizado seu tempo.

Ao amigo Renato, pela ajuda em inúmeros momentos, pela contribuição significativa para este trabalho e pela amizade.

Ao apoio financeiro da CAPES, Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (Decit/SCTIE), Ministério da Saúde (MS) (Decit/SCTIE/MS), por intermédio do CNPq e o apoio da Fundação Araucária (Chamada de Projetos 08/2009 Programa de Pesquisa para o SUS: Gestão Compartilhada em Saúde)

"Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos.Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldade para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E esperança suficiente para fazê-la feliz."

Clarice Lispector

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

-/-	Animais que não expressam o receptor ST2
AIA	Artrite induzida por antígeno
AIC	Artrite induzida por colágeno
AP-1	Proteína ativadora 1
AR	Artrite Reumatóide
DMARDs	Drogas Anti-Reumáticas Modificadoras de Doenças
ERK	Quinase reguladora de sinal extracelular
GRK-2	Quinase-2 de receptores acoplados a proteína G
GM-CSF	Fator estimulador de colônias de granulócitos e macrófagos
Ia	Intra-articular
IFNγ	Interferon gama
Ig	Imunoglobulina
IL-17R	Receptor de IL-17
IL	Interleucina
IL-1ra	Antagonista do receptor d IL-1
IL-1RAcP	Proteína acessória do receptor da IL-1
IRAK-4	Quinase - 4 associada ao receptor de IL-1
LPS	Lipopolissacarídeo
LTA	Ácido Lipoteicóico
Linfócitos Th1	Linfócitos T helper 1
Linfócitos Th2	Linfócitos T helper 2
Map quinases	Proteínas-quinases ativadas por mitógeno
MHC II	Complexo de Histocompatibilidade II
MSU	Cristas de Urato Monossódico
Myd88	Gene preliminar da diferenciação mielóide (88)
NF-kB	Fator nuclear kappa –B
NK	Natural Killer
NKT	Natural Killer T
RANKL	Fator de ligação de NF-kB
S. aureus	Staphylococcus aureus
sSt2	Receptor solúvel para IL-33
ST2L	Receptor de membrana para IL-33

TLR	Receptor toll
TRAF-6	Fator-6 associado ao receptor de TNF
TNFα	Fator de Necrose Tumoral α
TNFR	Receptor do Fator de Necrose Tumora
UFC	Unidades Formadoras de Colônias

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 ARTICULAÇÕES E ARTRITE

Articulação ou juntura é a conexão entre duas ou mais peças esqueléticas (ossos ou cartilagens) e são construídas com a finalidade de proporcionar movimentos e sustentação mecânica em resposta à contração muscular. Sua anatomia está intimamente relacionada à função (MAITRA; ABBAS, 2005). Estas podem ser agrupadas em cavitárias ou diartroses, que conferem grande mobilidade aos ossos, ou ainda, em sólidas ou sinartroses, que permitem movimentos mínimos, as quais são subdivididas em três classes de acordo com o tecido conjuntivo que une as extremidades ósseas: sinastoses, sincondroses e as sindesmoses (MAITRA, ABBAS, 2005; JUNQUEIRA & CARNEIRO,2004).

As diartroses ou articulações sinoviais, cuja anatomia permite grandes movimentações aos ossos (MAITRA; ABBAS, 2005), estão localizadas nas extremidades dos ossos longos originados por ossificação endocondral (processo em que as células mesodérmicas tornam-se células produtoras de cartilagem antes da formação completa do osso), envolvidas por uma densa cápsula fibrosa que une tais extremidades, delimitando uma cavidade fechada, a cavidade articular (JUNQUEIRA & CARNEIRO, 2004). Essas articulações são revestidas por células superficiais cubóides ou sinoviócitos, que estão dispostas em uma a quatro camadas celulares, variando conforme a estrutura articular considerada. Em geral são constituídas por camadas externas, a camada fibrosa e camadas internas, a camada ou membrana sinovial. Dois tipos celulares são encontrados nessas articulações: os sinoviócitos do tipo fibroblastos, produtores de diferentes proteínas e as células com aspectos morfológicos e funcionais semelhantes aos macrófagos, que são fagocíticas e sintetizam o ácido hialurônico (MAITRA; ABBAS, 2005), o qual confere resistência a cartilagem.

A ausência de uma membrana basal no revestimento sinovial permite a comunicação e trocas entre o sangue e o líquido sinovial. O líquido sinovial é um filtrado plasmático, produzido pela membrana sinovial, caracterizado pela presença de proteases, colagenases, glicoproteínas como a lubricina (KILLINGSWORTH, 1982) e o ácido hialurônico, que faz a nutrição da cartilagem hialina articular, a qual é constituída de um tecido conjuntivo rico em fibras de

colágeno tipo 2, água e moléculas de grandes dimensões, proteoglicanos e condrócitos. A cartilagem hialina atua como amortecedor das pressões mecânicas exercidas nessa região e na resistência a desgastes (MAITRA; ABBAS, 2005; JUNQUEIRA & CARNEIRO, 2004; SILVA, 2005). As fibras de colágenos são dispostas perpendicularmente e quando próximas a superfície apresentam-se na horizontal, isso confere a capacidade à cartilagem resistir ao estresse de tração e transmitir cargas verticais. A água e as proteoglicanas conferem à cartilagem seu turgor e elasticidade, pois em situações de pressão, a água acumula-se no espaço articular para nutrir a cartilagem, já que esta é desprovida de vasos sanguíneos (MAITRA; ABBAS, 2005; JUNQUEIRA & CARNEIRO, 2004; SILVA, 2005). Os proteoglicanos interagem com colágeno e ácido hialurônico contribuindo para a organização e estabilidade matricial da cartilagem e na remodelação tecidual (HEINEFARD et al., 1999; SCHEDEL et al., 2004). Os condrócitos, são as células especializadas da cartilagem, encontram-se dispersos na matriz e sintetizam e digerem enzimaticamente os componentes (MAITRA; ABBAS, 2005; JUNQUEIRA & CARNEIRO, 2004; SILVA, 2005).

O processo de síntese e degradação dos constituintes da matriz, o “turnover” (MAITRA; ABBAS, 2005), é minuciosamente controlado, pois durante esse processo são secretadas enzimas proteolíticas que levam a destruição da cartilagem articular e induzem ao processamento de diferentes precursores de mediadores inflamatórios (PINTO et al., 2010), como por exemplo as metaloproteinases. As patologias que afetam as articulações ativam essas enzimas, reduzindo a produção de moléculas inibidoras, acelerando assim a degradação da matriz. Este processo é mediado por uma extensa rede de citocinas, tais como TNFα, IL-1β, IL-6, que desencadeiam o processo de degradação, resultando num processo inflamatório e destruição tecidual (BOISIER, 2010).

A artrite é uma condição que envolve o dano articular, caracterizado por reações inflamatórias das articulações diartrodiais. Existem diferentes formas de artrite, cada uma com um padrão específico de resposta inflamatória. Contudo, essas variações resultam na necessidade de abordagens terapêuticas diferentes para cada tipo de situação.

O tipo mais comum das patologias articulares é a osteoartrite, que caracterizada pela degeneração da cartilagem articular, associada a alterações ósseas subcondrais e inflamação sinovial (POOLE, 1999; SCHEDEL et al., 2004).

De etiologia multifatorial, estão envolvidos elementos genéticos e fatores ambientais (REVEL et al., 1988; KRENN et al., 1999). Os condrócitos desempenham um importante papel, produzindo citocinas pró-inflamatórias, como TNFα e IL-1β, que estimulam a produção de metaloproteinases catabólicas, as quais inibem a síntese de colágeno tipo 2 e proteoglicanas (MAITRA; ABBAS, 2005).

A artrite reumatóide é a forma mais comum de artrite e ainda, caracterizada por ser uma doença auto-imune potencialmente incapacitante. É uma patologia crônica que acomete as articulações associadas a danos dos sistemas metabólicos, neurológicos e cardiovasculares. É uma doença de patologia complexa, com um acúmulo massivo de células do sistema imunológico como linfócitos T e B e macrófagos, culminando na destruição articular (BRENNAN & MCINNES, 2008).

A artrite reumatóide juvenil é uma doença infantil do tecido conjuntivo, caracterizado pelo início súbito da artrite reumatóide antes dos dezesseis anos, com sintomas persistentes por mais de seis semanas (KIM, 2010). Apesar de compartilhar fatores patogênicos semelhantes à artrite reumatóide, a artrite reumatóide juvenil difere em alguns pontos como: a ausência de fator reumatóide; as grandes articulações são afetadas com maior frequência e início sistêmico mais frequente (MAITRA; ABBAS, 2005).

Outro tipo menos comum de artrite, as espondiloartropatias negativas ou espondiloartrites, que são doenças caracterizadas pela artrite periférica, associadas a desordens secundárias, normalmente infecções. É um grupo heterogêneo de patologias articulares que compartilham manifestações clínicas, radiológicas e associações familiares. Neste grupo estão incluídos: espondilite anquilosante, artrite psoríatica, artrite enteropática ou reativa e síndrome de Reiter (MAITRA; ABBAS, 2005; ZOCHLING et al., 2006; ROMERO-SANCHÉZ et al., 2010;).

A artrite gotosa é uma desordem caracterizada pelo acúmulo tecidual de cristais de urato monossódico (MSU), o ácido úrico, um produto resultante do metabolismo das purinas. Essa patologia articular está fortemente associada com condições de estresse oxidativo, como obesidade e hipertensão (HERSHFIELD et al., 2010). Os cristais de urato induzem um intenso processo inflamatório por ativarem o inflamassoma de NALP-3 em células fagocíticas, culminando na secreção de IL-1β, recrutamento de neutrófilos e geração de mediadores inflamatórios, incluindo radicais livres (MARTINON et al., 2006; SO,

2008). Essa cascata de eventos resulta na destruição da cartilagem articular mediada por citocinas. Um outro Outro tipo de patologia articular semelhantes a gota, a pseudogota, também conhecida como condrocalcinose, é caracterizada pela deposição de cristais de pirofosfato de cálcio. Ela acomete indivíduos com mais de 50 anos. A progressão da doença é semelhante à gota, diferindo apenas no tipo de cristal (MAITRA; ABBAS, 2005).

Por último, mas não menos importante, a artrite infecciosa, definida pela presença de microorganismos viáveis na cavidade articular, é uma doença progressiva e altamente destrutiva, mesmo após a eliminação do microorganismo (VAROGA et al., 2006) Qualquer microrganismo (bactérias, fungos, vírus) pode semear as articulações e proliferar-se culminando num processo inflamatório articular, durante uma disseminação hematogênica. As articulações podem ser infectadas pela inoculação direta desses microorganismos, ou consequentes a um processo infeccioso nos tecidos moles (MAITRA; ABBAS, 2005).

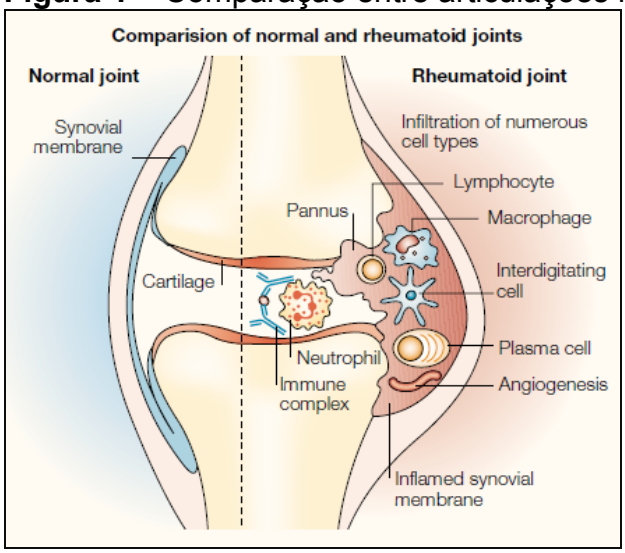
1.2 Artrite Reumatóide e as Citocinas Como Alvo Terapêutico

A artrite reumatóide é uma doença crônica inflamatória sistêmica, complexa, acompanhada de episódios inflamatórios agudos, associados principalmente a sensibilização articular e dor resultando em limitações dos movimentos (PINTO et al., 2010). Esta doença caracteristicamente engloba as pequenas articulações, das mãos, pés, sendo mais incidente nas articulações dos joelhos e acomete cerca de 1% da população mundial (BRENNAN & MCINNES, 2008).

Apesar de ser de origem desconhecida, o sistema imunológico desempenha um importante papel na sua cronicidade e progressão. A membrana sinovial na artrite reumatóide é caracterizada por um infiltrado inflamatório com linfócitos B e T ativados, neutrófilos e macrófagos, todos recrutados num intenso processo de neovascularização associado com linfoangiogênese (HARRIS, 1990; BRENNAN & MCINNES, 2008; PINTO et al., 2010). Sabe-se que há a participação de células da região articular, como os fibroblastos sinoviais, condrócitos e osteoclastos, que medeiam a destruição óssea e cartilaginosa. A atividade em conjunto dessas células mediadoras durante esse processo inflamatório, culmina na

formação do “pannus”, que é constituído de uma massa fibrocelular de sinóvia, caracterizada pela presença de células inflamatórias, tecido granulomatoso e principalmente fibroblastos (ZHAN et al., 2009) (Figura 1). Este tecido agressivamente invade o espaço articular, como resultado da degradação da matriz de colágeno, culminando em perda da função articular (MILLER et al., 2009).

Figura 1 – Comparação entre articulações normais e com artrite reumatóide.



Caracterização da articulação com artrite reumatóide e da intensa reação inflamatória mediada por células imunológicas e do tecido regional, culminando na formação do “pannus”.
Fonte: Feldman, 2002.

O intenso processo inflamatório crônico progressivo, mediado por células do sistema imunológico e células teciduais do hospedeiro, que acomete as articulações durante a artrite reumatóide é altamente regulado por uma extensa rede de citocinas, que são identificadas no tecido articular e soro de pacientes portadores de artrite reumatóide (FELDMAN, 2002; BRENNAN & MCINNES, 2008). Essa identificação contribuiu amplamente para determinação de moléculas-chaves envolvidas na patogênese dessa doença (BRENNAN & MCINNES, 2008). As citocinas são pequenas moléculas protéicas envolvidas na sinalização celular e podem ser secretadas por células da glia ou por diferentes células mediadoras do sistema imunológico.

Os tratamentos convencionais para portadores da artrite reumatóide são os glicocorticóides e imunossupressores. No entanto, essas drogas aliviam inicialmente os sintomas inflamatórios, como a dor, mas não desaceleram a progressão da doença. Outras abordagens mais recentes, como as drogas modificadoras de doenças reumáticas (DMARDs), metotrexato e sulfassalazina, que

podem retardar a destruição articular e danos estruturais, através da imunomodulação (MAINI et al., 2000; WOLLHEIM, 2001; SHAW et al., 2011) são associados com benefício parcial e significativa toxicidade (BRENNAN & MCINNES, 2008). Esses efeitos associados com o papel pleiotrópico das citocinas e por serem propensas a interagirem sinergicamente (GABAY & MCINNES, 2009), as tornam um importante alvo terapêutico.

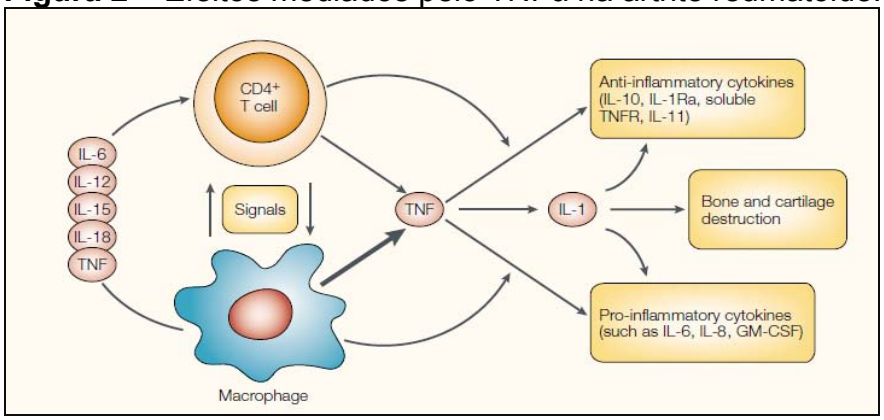
Diferentes citocinas desempenham um papel central na progressão da AR como as citocinas das superfamílias da IL-1, IL-6 e IL-12 e principalmente o TNFα. A participação desses mediadores na progressão da artrite reumatóide foi demonstrada em diferentes modelos experimentais e posteriormente confirmada clinicamente.

O TNFα exerce seu papel pró-inflamatório na artrite reumatóide após ligar-se a um de seus repecetores, o TNFR1 (p55) ou TNFR2 (p75), os quais são expressos em vários tecidos e células do sistema imunológico, respectivamente. Estes receptores tornam-se inibidores naturais quando são liberados na circulaçãov sanguínea, após clivagem enzimática (BOISIER, 2010). Sua atividade conduziu aos primeiros ensaios clínicos para o uso de biológicos nessa doenças. (FELDMANN, 2002; BRENNAN & MCINNES, 2008; GABAY & MCINNES, 2009).

No contexto da artrite reumatóide, o TNFα é uma citocina produzida primariamente por células do tecido sinovial e macrófagos ativados e induz a ativação de uma cascata de citocinas que leva ao aumento seqüencial de outras citocinas pró-inflamatórias, como IL-1, GM-CSF, IL-6 e IL-8 (ALVARO-GARCIA et al., 1990; HAWORTH et al., 1991; BUTLER et al., 1995; MIGITA et al., 1996), que de forma significativa contribuem para indução e manutenção da expressão do complexo de histocompatibilidade (MHC) de classe II em células apresentadoras de antígeno no tecido sinovial (BUTLER et al., 1995).

TNFα e seus receptores (TNFRs) foram identificados nos tecidos articulares com artrite reumatóide tanto em modelos experimentais murinos, como em humanos e de fato, foi observado que o uso de anticorpos para o TNFα diminuiu o dano e o processo inflamatório articular (WILIAMS et al., 1992). No entanto, a resposta parcial do bloqueio do TNF na artrite reumatóide e em muitos casos, a ineficácia (FELDMANM, 2002) e ainda, o risco de infecções recorrentes, como a artrite séptica (MOR et al., 2006) conduziu a busca de novas citocinas como alvo terapêutico para obtenção terapias mais adequadas.

Figura 2 – Efeitos mediados pelo TNFα na artrite reumatóide.



Representação esquemática da inter-relação de citocinas e interações celulares relacionadas ao TNF e a artrite reumatóide.
Fonte: Feldmann, 2002.

Recentemente, vem sendo sugerido à participação de células Th17 que secretam principalmente a IL-17, mas também IL-21 e IL-22. As células Th17 tem sua manutenção, ativação e expansão clonal induzidas pela IL-23 (LANGRISH et al., 2005) . A IL-17, apesar de ser produzida principalmente por células Th17, é também produzida por células T CD8+ de memória ativadas, NKT e linfócitos γδ (MILLS, 2008). A participação da IL-17 na artrite reumatóide é confirmada por estudos que demonstram que esta citocina orquestra diferentes funções imunes como a migração leucocitária (principalmente neutrófilos) (KOLLS & LIDEN, et al., 2004; PINTO et al., 2010), produção de mediadores pró-inflamatórios como TNFα, IL-1β e IL-6, quimiocinas e principalmente por atuar diretamente sobre os fatores pró-osteoclastogênicos através da estimulação da expressão do fator ligante do receptor ativador do fator nuclear kB (RANKL), o que leva a destruição da cartilagem e erosão óssea (KOTAKE et al., 1999; YAGO et al. 2009). Terapiad que visam bloquear a atividade da IL-17 e a sugerem como alvo terapêutico na AR encontra-se em ensaios clínicos iniciais de Genovese e colaboradores (2010), que avaliam efetivamente os efeitos do uso de imunobiológicos que visam bloquear a atividade da IL-17 e a sugerir como alvo terapêutico. Contudo, a IL-17 mostra-se importante durante o “clearance” de patógenos intracelulares e extracelulares, como fungos e bactérias, tanto gram-negativas quanto gram-positivas, como o Staphylococcus aureus (MAH et al. 2008), por induzirem a produção de quimiocinas e fatores de crescimento que levam a mobilização neutrofílica para o foco infeccioso (GAFFEN et al., 2008). Ademais, Heningsson e colaboradores (2010) verificaram que animais deficientes para IL-17 tem “clearance” bacteriano local limitado e desenvolvimento

de sinovite e erõses ósseas, após a inoculação de S. aureus. Esses achados sugerem que a terapia anti-IL-17 facilita infecções como a artrite séptica.

Vários membros da superfamília da IL-1 têm sido implicados na patogênese da artrite reumatóide. Identificado por Fontana e colaboradores (1982), a IL-1 foi a primeira citocina a ser encontrada nas amostras do líquido sinovial de pacientes com artrite reumatóide. A IL-1 é expressa ativamente na membrana sinovial com artrite reumatóide. A IL-1 exerce seus efeitos pró-inflamatórios principalmente na osteoclastogênese induzida por RANKL (KIM et al., 2009) e na liberação de metaloproteinases por fibroblastos e condrócitos articulares (VICENTI & BRINCKERHOFF, 2002). Além disso, a IL-1 induz a produção de outras citocinas pró-inflamatórias como a IL-17, mais especificamente neste caso, por participar em conjunto com outros mediadores na indução de linfócitos Th17 (NAKAE et al., 2003). Apesar desta citocina efetivamente contribuir para progressão da artrite reumatóide, terapias que visam o bloqueio da atividade da IL-1, como por exemplo, o Anakinra, um antagonista do receptor de IL-1 recombinante idêntico ao IL-1ra, com exceção de 1 aminoácido, tem sua eficácia controversa quando comparado às terapias anti-TNFα (FURST et al., 2005 ;BRENNAN & MCINNES, 2008). Consequentemente, novas terapias que visam à neutralização da atividade da IL-1 estão sendo desenvolvidas com o objetivo de serem mais eficazes.

Outro membro da superfamília da IL-1, a IL-18, identificado inicialmente como fator indutor da produção de IFNγ, é uma citocina altamente pró-inflamatória e um importante mediador tanto da resposta imunológica inata quanto adaptativa. Descrito por Gracie e colaboradores (1999) pela primeira vez na membrana sinovial de pacientes com artrite reumatóide, a IL-18 ativa e induz a produção de citocinas por células NK, macrófagos e neutrófilos e promove angiogênese e ainda medeia funções em células como os keratinócitos, osteoclastos e condrócitos (GRACIE et al., 2003). Em modelo murino de artrite induzida por colágeno (AIC) a ausência da IL-18 melhora a inflamação articular em camundongos AIC (PLATER-ZYBERK et al., 2001; WEY et al., 2001). A identificação e caracterização de sua atividade levaram a estudos por Tak e colaboradores (2006) que encontram-se em ensaio clínico de fase I que visam a IL-18 como alvo terapêutico na artrite reumatóide.

Estudos conduzidos por Kim e colaboradores (2005), com objetivo de identificar genes induzíveis pela IL-18, identificaram uma nova citocina, a IL-32,

produzida principalmente por células NK, linfócitos T, células epiteliais, monócitos sensibilizados com IL-2 ou IFNγ, e que desempenha um papel importante na resposta imunológica inata (DAHL et al., 1992; KIM et al., 1995). Tanto estudos in vitro como in vivo, também têm demonstrado a atividade da IL-32 na artrite reumatóide por ativar macrófagos sinoviais induzindo a produção de citocinas pró-inflamatórias como o próprio TNFα (JOOSTEN et al., 2006). Este dado é potencialmente importante considerando a participação do TNFα na fisiopatologia da artrite reumatóide como descrito anteriormente.

Recentemente, foi identificado o mais novo membro da superfamília da IL-1, a IL-33. Carriere e colaboradores (2007) e Xu e colaboradores (2008) identificaram a presença da IL-33 na membrana de pacientes com artrite reumatóide. Adicionalmente, foi observado que o tratamento com seu receptor solúvel (sST2) diminuiu a produção de citocinas pró-inflamatórias e a intensidade da artrite induzida por colágeno (AIC) experimental (LEUNG et al., 2004; XU et al., 2008).

Apesar dos consideráveis avanços no aspecto de estabelecer os potenciais alvos terapêuticos da extensa rede de citocinas que contribuem de forma individual ou sinérgica na artrite reumatóide, ainda há necessidade não atendida no sentido de chegar a terapias mais adequadas ao paciente de artrite reumatóide devido à variabilidade da resposta do tratamento com imunobiológicos em pacientes com artrite reumatóide. No caso das terapias anti-TNF, cerca de 30% dos pacientes não respondem de maneira adequada a esses imunobiológicos. Além da eficácia limitada, as terapias anti-TNF ou mesmo com outros imunossupressores propiciam um aumento da incidência de infeções nos pacientes com artrite reumatóide, como a artrite séptica (FAVERO et al., 2008; MA et al., 2009) (referencias). Assim, é essencial desvendar a participação dessas citocinas durante os processos inflamatórios em respostas inatas e adaptativas.

1.3 INTERLEUCINA-33

A IL-33 foi identificada por busca computacional em base de dados por estruturas semelhantes aos membros da família da IL-1 por Schimitz e colaboradores (2005). A IL-33 foi previamente descrita como produto do genen Dvs27, o qual é induzido por hemorragia subaracnóide experimental, e como o fator nuclear de vênulas endoteliais (NF-HEV), uma proteína expressa preferencialmente em células endoteliais descrito em 2003 (LIEW et al., 2010). Foi demonstrado que a IL-33 é o agonista do receptor previamente órfão da superfamília da IL-1, o ST2, também conhecido como T1, DER4 ou IL-1RL1 (SCHIMITZ et al., 2005). O gene st2 codifica três isoformas: uma forma ligada a membrana, denominada ST2L; uma forma solúvel, o sST2 e uma forma variante. O ST2 apresenta aproximadamente 38% de homologia com o receptor da IL-1 (YANAGISAWA et al., 1993), todavia, esse receptor é expresso preferencialmente em mastócitos (THOMASSEN et al., 1995) e células Th2 (XU et al, 1998; SCHIMITZ et al., 2005). Ademais, o ST2 pode negativamente regular a ativação de receptores do tipo Toll (TLR) por seqüestrar as moléculas adaptadoras MyD88 e Mal (BRINT et al. 2004; LIEW et al., 2005).

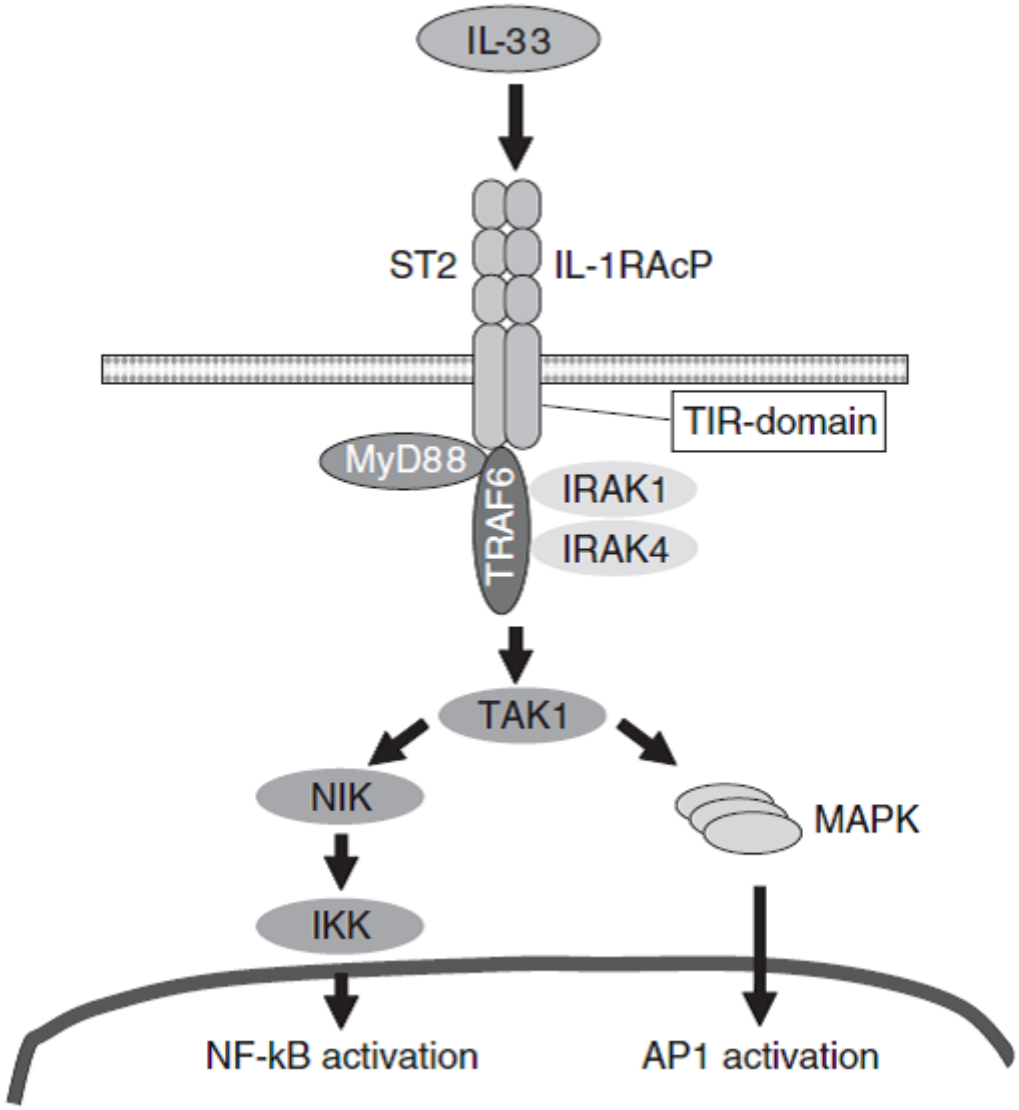
Assim como a IL-1 e IL-18, foi inicialmente proposto que a IL-33 seria transformada de pró-forma (pró-IL-33) para a forma ativa (IL-33) pela caspase-1 (SCHMITZ et al., 2005). Entretanto, novos estudos demonstraram que a efetividade da caspase-1 em clivar a IL-33 era limitada quando comparada a IL-1β e ainda foi identificada a participação de outras proteases, como a capase-7 e em menor quantidade pela caspase-3 (CAYROL et al., 2009; LUTHI et al., 2009). Hayakawa e colaboradores (2009) também demonstraram que a clivagem da pró-IL-33 pode ser mediada pela calpaína. Para aumentar a controvérsia sobre sua liberação, existem evidência que a caspase-1, na realidade, inativa a IL-33. A participação de caspases envolvidas na apoptose no processamento da IL-33 sugerem que ela seja liberada quando as células sofrem esse processo de morte programada.

A IL-33 ativa, com 18 KDa, compartilha 55% de similaridade entre humanos e roedores, com expressão em diferentes tecidos como: estômago, pulmão, medula espinal, cérebro e pele; e tipos celulares, como: células dendríticas e macrófagos em situações basais em roedores e após estímulo com TNFα e IL-1β

em humanos (SCHMITZ et al., 2005). Nos níveis protéicos a IL-33 é principalmente expressa em fibroblastos, células epiteliais e nas vênulas altamente endoteliais (SANADA et al., 2007). Evidências apontam a IL-33 como um fator de transcrição associado a cromatina de maneira semelhante a IL-1α e HMGB1. Por outro lado, a IL-33 é liberada pela lesão celular, apresentando papel como alarmina ao ativar células de maneira parácrina. (LIEW et al., 2010).

Em relação à sinalização, a IL-33 ao se ligar ao ST2, induz ao recrutamento das moléculas MyD88, IRAK, IRAK4 e TRAF6, o que resulta na ativação de MAP quinases (p38, JNK e ERK) e dos fatores transcricionais AP-1 e NF-kB (SCHMITZ et al., 2005). Todavia, para a IL-33 exercer seus efeitos in vivo, Chackerian e colaboradores (2005), demonstraram que a proteína acessória do receptor da IL-1 (IL-1RAcP) é essencial assim como o ST2, formando o complexo do receptor da IL-33 (ST2/IL-1RAcP). Ao ligar-se ao complexo receptor expresso principalmente em mastócitos e células Th2, como citado anteriormente, a IL-33 induz a produção de citocinas que são caracteristicamente Th2, como a IL-4, IL-5 e IL-13. Adicionalmente, foi demonstrado que a administração in vivo de IL-33 induz um quadro caracteristicamente Th2 por induzir a produção de altos índices de IgE e eosinofilia (SCHIMITZ et al., 2005). Ainda foi verificado que animais deficientes para o receptor da IL-33 (ST2) apresentam redução na resposta inflamatória Th2, como por exemplo a asma.

Figura 3 – Vias de sinalização da IL-33.



A IL-33 se liga a seu receptor heterodimérico (ST2/IL-1RacP). O domínio TIR recruta Myd88 e TRAF6 resultando na ativação de NF-kB ou AP-1.
Fonte: OBOKI et al., 2010.

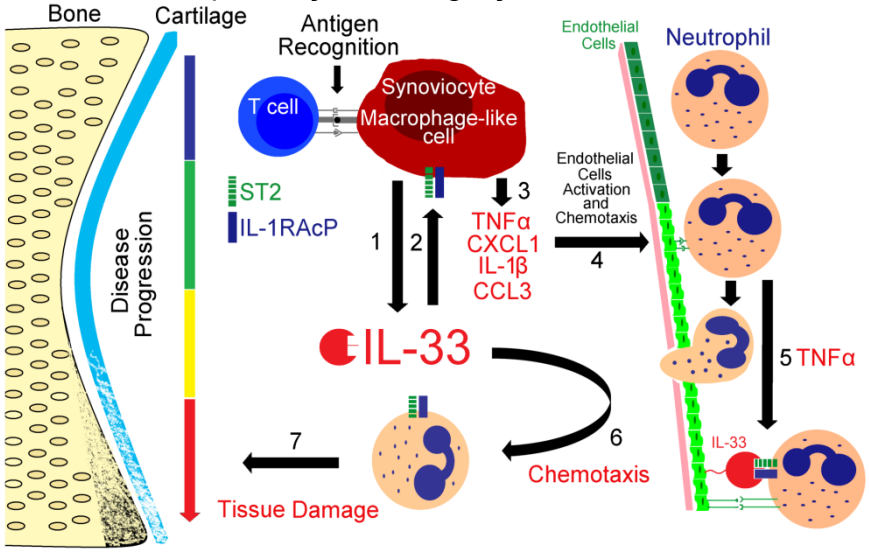
Além da participação em modelos inflamatórios, Sanada e colaboradores (2007) demonstraram que a IL-33/ST2 são ativados em resposta a estímulos mecânicos e apresentam efeito protetor em cardiomiócitos, evitando a hipertrofia mediada pela angiotensina II e fenilefrina. Adicionalmente, a IL-33 exerce efeitos protetores durante a aterosclerose por aumentar os níveis de citocinas Th2 (IL-4, IL-5 e IL-13) e marcadamente reduzir os níveis IFN-γ (padrão Th1) no soro e nos linfonodos (MILLER et al., 2010).

Em contrapartida, Verri e colaboradores (2008) demonstraram que em modelo de artrite auto-imune com animais imunizados com CFA (adjuvante

completo de Freund) o qual induz uma resposta inflamatória Th1, a IL-33 também tem um papel pró-inflamatório, inclusive induzindo a produção de IFNγ in vivo. Assim, sugeriu-se pela primeira vez a IL-33 como uma citocina pleitrópica, ou seja, sua atividade depende do ambiente de citocinas. Posteriormente, essa hipótese foi confirmada por outros grupos que detectaram que a IL-33 induz tanto respostas Th1 quanto Th2 em células polarizadas (SMITHGALL et al., 2008) e é responsável pelo desenvolvimento das lesões articulares em modelo de artrite (XU et al., 2008; PALMER et al., 2009) . A mesma induz a produção de IFNγ por células NK sugerindo uma participação em respostas inflamatórias inatas (BOURGEOIS et al., 2009) e Th17 (XU et al., 2008) . Adicionam a esses achados, diferentes autores que vem propondo a participação da IL-33 em modelos murinos distintos como artrite induzida por colágeno (XU et al., 2008) e por anticorpo (XU et al, 2010), e ainda, a deleção ou bloqueio com anticorpo específico para ST2 , em ambos os modelos para artrite reumatóide houve redução do desenvolvimento da doença por impedir a degranulação de mastócitos e produção de citocinas altamente pró-inflamatórias como IL-17, TNFα e IFNγ.

Além de mediar seus efeitos pró-inflamatórios através de mastócitos, em dados recentes foi demonstrado que IL-33, em artrite induzida por antígeno (AIA), participa no desenvolvimento da inflamação articular por induzir a migração de neutrófilos para o sítio inflamatório. Esse efeito da IL-33 é indireto por induzir a produção de outras citocinas e quimiocinas que são quimioatraentes para neutrófilos e/ou induzem o aumento da expressão de moléculas de adesão; e por um efeito direto via receptores ST2 por quimioatração de neutrófilos pela IL-33. É interessante que a expressão do receptor para IL-33 (ST2) em neutrófilos é induzida pelo TNFα. Assim, neutrófilos de pacientes que estão sob tratamento com terapia anti-TNF (p.ex. infliximab) tem redução da expressão de ST2 e redução da quimioatração exercida pela IL-33. Isto não ocorre quando os pacientes estão sob tratamento com outras terapias como o metotrexato (VERRI et al., 2010). Assim, a IL-33 exerce um papel pró-inflamatório na artrite reumatóide via recrutamento de neutrófilos que contribuirão para a lesão articular (Figura 3).

Figura 4 – Representação esquemática do mecanismo proposto para IL-33 na orquestração de migração de neutrófilos na artrite reumatóide.



(1) A IL-33 é produzida por sinoviócitos e células do tipo macrófagos, em resposta a estimulação antigênica. (2,3) A IL-33 atua de forma autócrina e induz a produção de outras citocinas e qumiocinas. (4) As citocinas e quimiocinas induzem a ativação de células endoteliais e quimiotaxia de neutrófilos. (5,6) A IL-33 pode diretamente atrair neutrófilos de camundongos sensibilizados com antígeno ou com artrite reumatóide pela ligação com ST2 em neutrófilos induzida pelo TNFα. (7) Os neutrófilos contribuem para a destruição articular.
Fonte: Verri et al., 2010.

Corroborando com esses dados, Matsuyama e colaboradores (2009) verificaram que fibroblastos do tipo sinoviócitos, mas não células do sangue periférico produzem IL-33 sob estimulação e que a produção de IL-33 no fluido sinovial de pacientes com artrite reumatóide é significativamente maior que quando comparadas aos pacientes com osteoartrite. Esse dado corrobora que existiria um gradiente de IL-33 para a articulação favorecendo o recrutamento de neutrófilos pela IL-33.

Na sepse, a IL-33 atua mantendo o recrutamento neutrofílico para o foco infeccioso, porém por um mecanismo diferente do que ocorre na artrite reumatóide. Na sepse ocorre a dessensibilização de receptores CXCR2 para quimiocinas em neutrófilos induzida pelo LPS (lipopolissacarídeo; componente da parede de bactérias gram-negativas), os quais são importantes para manutenção do direcionamento e recrutamento dos neutrófilos para o foco inflamatório e consequentemente para a eliminação do agente agressor. A IL-33 inibe a dessensibilização desses receptores induzida pelo LPS ou mesmo produtos de bactérias gram-positivas por regular negativamente a expressão de CXCR2 via GRK2. Assim, a inibição da atividade da IL-33 (em animais ST2 deficientes ou

tratados com ST2 solúvel) resulta numa diminuição da migração celular para o foco inflamatório, e a administração de IL-33 impede a dessensibilização induzida pelo LPS por diminuir a expressão de GRK2 (ALVES-FILHO et al., 2010). É importante ressaltar que a dessensibilização ocorre em uma fase da sepse na qual as bactérias ou seus produtos alcançam a corrente sanguínea e a princípio esse processo é necessário para manter os leucócitos ativos na circulação para que possam eliminar o agente infeccioso presente na circulação. Então, impedir a dessensibilização não é necessariamente algo totalmente positivo. Deve-se buscar o balanço entre o controle local e sistêmico da infecção, pois caso o foco local não seja controlado, com certeza evoluirá para um quadro sistêmico.

1.4 ARTRITE SÉPTICA INDUZIDA POR *Staphylococcus aureus*

A artrite séptica é caracterizada pela presença de microorganismos viáveis na articulação, que por sua vez, induzem resposta inflamatória local com lesão articular. As possíveis vias de semeação das articulações com bactérias incluem: hematogênica, consequentes a uma bacteremia ou sepse, osteomielite, via tecido adjacente, via procedimentos diagnósticos ou de tratamento, ou mesmo dano por punção ou trauma. A princípio, qualquer bactéria pode induzir a artrite séptica, porém a incidência com *Staphylococcus aureus* é de 80% (GOLDENBERG et al., 1998). A infecção por *S. aureus*, cujo principal fator de virulência é o ácido lipoteicóico (LTA), leva a danos articulares como inflamação sinovial, destruição cartilaginosa e óssea que culmina na destruição articular durante a progressão da artrite séptica (TARKOWSKY et al., 2001; TARKOWSKY et al., 2002). Contudo, fatores adicionais, após a eliminação bacteriana do hospedeiro, contribuem para progressão da artrite séptica atuando de forma relevante nos processos destrutivos (GOLDENBERG, 1985).

Reforçando esses dados, Varoga e colaboradores (2006) demonstraram a intensa participação do fator de crescimento endotelial vascular (VGEF) resultante da ativação de receptores do tipo Toll 2 (TLR2) nas amostras de fluídos sinoviais de pacientes com artrite séptica e pelo desafio in vitro de condrócitos com bactéria, como contribuintes para a artropatia destrutiva após infecção microbiana nas articulações. Adicionalmente, já foi demonstrada a

contribuição de metaloproteinases para a destruição óssea, sendo que a deficiência para MMP-7 reduz a intensidade da artrite séptica (severidade clínica e histologia), mas não o crescimento do Staphylococcus aureus (GJERTSSON et al., 2004).

A incidência de artrite séptica é 40% maior em pacientes com artrite reumatóide devido ao tratamento com drogas modificadoras de doenças (DMARDs) ou imunossupressores, que deixam o paciente mais suscetível à infecções (MOR et al., 2006). Diversos trabalhos vêm demonstrando tanto de forma clínica ou experimental, o aumento da susceptibilidade dos indivíduos tratados com terapias anti-TNF (ex. infliximab, etanercept) à infecções, principalmente tuberculose e artrite séptica, que são infecções oportunístas consequentes da ausência de TNFα, uma citocina que desempenha funções importantes no combate è infecções (HULTGREN et al., 1998; CUNNANE et al., 2003; ELLERIN et al., 2003; KROESEN et al., 2003).

Assim, a busca de novos tipos de abordagens terapêuticas em potencial torna-se necessárias, para que ocorra uma imunorregulação, sem alterar a resposta inata do hospedeiro, o que consequentemente levaria ao desenvolvimento do processo infeccioso nas articulações.

Seguindo essa linha de raciocínio, o foco desse trabalho é avaliar a participação da IL-33, por meio de animais deficientes para o receptor desse mediador, o ST2, e ainda comparar as análises a animais TNFR1-/- e IL-17R-/- na artrite séptica induzida por S. aureus. Esse protocolo permitirá avaliar se terapias anti-IL-33, seriam mais adequadas do que terapias atuais como anti-TNF ou sob investigação como anti-IL-17, as quais comprometem à defesa do hospedeiro contra infecções.

2 OBJETIVO

Avaliar a participação da IL-33 em um modelo de artrite séptica por Staphylococcus aureus em comparação com a participação do TNFα e IL-17.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1.A) Avaliar pelo experimento de dose resposta de Staphylococcus aureus em modelo de monoartrite infecciosa induzida pela inoculação local (fêmur-tibial), a dose que atinge níveis significativos de hiperalgesia mecânica, edema e migração leucocitária.

2.B) Avaliar a hiperalgesia mecânica, edema e migração leucocitária em camundongos ST2-/-, TNFR1-/- e IL-17R-/- que receberão injeção intra-articular de S. aureus. A hiperalgesia mecânica e edema serão avaliados até o 28º dia após a inoculação local de S. aureus e a migração leucocitária será avaliada após o sacrifício dos animais no 28º dia após a inoculação.

3 RESUMO DO ARTIGO 1

A preparação da suspensão bacteriana e o intervalo de confiança de UFC nessa suspensão é um importante procedimento utilizado em laboratórios como métodos para avaliação de respostas inflamatórias e pode ser obtido por diferentes métodos, tais como diuições seriadas e pela análisa visual da turbidez através da escala de McFarland. Nós investigamos a influência do armazenamento da suspensão de Staphylococcus aureus na viabilidade de bactérias e sua influência na inflamação induzida por essa suspensão. O armazenamento da suspensão de S. aureus a 8 º C por 24 h diminuiu a viabilidade bacteriana não só em suspensões preparadas por diluições seriadas, mas também ao seguirmos a escala de McFarland 0,5. O aumento do tempo de armazenamento reduziu o número de UFC de S. aureus. Como conseqüência da viabilidade bacteriana reduzida, foi detectada redução do recrutamento de leucócitos em um modelo de peritonite bacteriana. Em modelo de artrite séptica foi detectada redução da hiperalgesia mecânica, edema e recrutamento de leucócitos. Esses resultados demonstram que o armazenamento da suspensão bacteriana afeta a viabilidade bacteriana e também a resposta inflamatória "in vivo". Uma solução possível para determinar/estimar o número de UFC é o uso da escala de McFarland , que permitirá a elaboração e utilização de uma suspensão bacteriana no mesmo dia para testes in vivo e assim, evita-se a diminuição da viabilidade bacteriana e a influência de resultados experimentais.

Palavras-Chave: Escala de McFarland. *Staphylococcus aureus*. Migração celular.

4 ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO 1

Este é um trabalho realizado no Laboratório de Dor, Neuropatia, Câncer e Inflamação, formado pelo artigo científico: Influence of bacterial suspension storage in inflammatory response in mice. Larissa Staurengo-Ferrari, Jacina Santos Pelayo, Rubia Casagrande, Halha Ostrensky Saridakis, Waldiceu Aparecido Verri Júnior.

As formatações do artigo seguem as normas da revista African Journal of Pharmacy and Pharmacology (AJPP) (Anexo 1).

Influence of bacterial suspension storage in the inflammatory response in mice.

Larissa Staurengo-Ferrari[1],Jacinta Santos Pelayo[2], Rubia Casagrande[3],Halha Ostrensky Saridakis[2], Waldiceu A. Verri, Jr[1]*.

*Author to whom correspondence should be addressed. Prof. Waldiceu A. Verri Jr, PhD. Departamento de Ciências Patológicas, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná. CEP 86051-970, Brazil. Tel: + 55 43 3371 4979. Fax: + 55 43 3371 4387. E-mails: waverri@uel.br or waldiceujr@yahoo.com.br.

Abstract

The preparation of bacterial suspension is an important procedure used in laboratories for inflammatory evaluation protocols and can be obtained by different methods such as CFU (colony forming unities), needs storage counting and McFarland scale turbidity (does not need storage). We investigated the influence of storage of Staphylococcus aureus suspension as bacterial viability and its influence in bacteria-induced inflammation. . The increase of time of storage reduced the S. aureus CFU. As a consequence of reduced bacterial viability, it was detected reduced leukocyte recruitment in a model of bacterial peritonitis, and reduced mechanical hyperalgesia, edema and leukocyte recruitment in septic arthritis. These results demonstrate that storage of bacterial suspension affected bacterial viability and also the inflammatory response in vivo, raising the importance of standard procedures for bacterial suspension preparation. A conceivable approach would be to determine the number of CFU at a specific McFarland's scale degree, which will allow the preparation and use a bacterial suspension in the same day for in vivo testing and avoiding reduced bacterial viability.

Keywords: Edema. Inflammation. McFarland's Scale. Neutrophil. Septic arthritis. Staphylococcus aureus.

[1] Departamento de Ciências Patológicas - Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná 86051-970, Brazil;
[2] 2Departamento de Microbiologia - Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná 86051-970, Brazil
[3] Departmento de Ciências Farmacêuticas - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná 86051-970, Brazil.

INTRODUCTION

The estimated number of viable cells by determining the number of colony forming unities (CFU) in a bacterial suspension is of great importance in bacteriology, immunology, and inflammation/infection studies in general. There are different methodologies for estimating the number of CFU in a suspension of bacterial cells such as serial dilutions and plating, and using the McFarland's Scale with visual or nephelometric reading.

The serial dilutions and plating to establish CFU (Brock et al., 1994) is a lengthy process in which the suspension is prepared followed by plating a partial volume and counting the CFU after 24h, meanwhile the suspension is held at 8ºC until use. The McFarland's Scale (which is basically a nephelometric scale) is a methodology for analysis of visual turbidity of a suspension and is used to estimate the number of bacteria in a given suspension. It consists essentially of a series of standard dilutions containing barium chloride precipitated in sulfuric acid, and the different turbidities indicate degrees of McFarland's scale. This process is useful to correlate the number of bacteria dispersed in isotonic solutions (saline or PBS) (McFarland et al., 1907). Therefore, comparing the turbidity of bacteria dispersed in saline or PBS with the standards of McFarland's Scale, it is possible to obtain a good estimation and optimization of process to determine the number of viable bacteria within the same day of preparation of the bacterial suspension avoiding the storage of sample.

Staphylococcus aureus is a prominent gram-positive human pathogen, with an ability to produce systemic infections (Berends et al., 2010) and also is the major contributor to osteomyelitis, invasive endocarditis and septic arthritis (Bannan et al., 1999). Infection by these organisms induces acute and chronic inflammatory response, causing tissue edema and the associated pain (Whaley and Burt, 1996) and leading to pyogenic or suppurative inflammation (Okoli et al., 2008). This bacteria is highly efficient phagocytosed by neutrophils culminating in an intense inflammatory response involving a complex cascade of cellular events to eradicate pathogens via oxidative and non-oxidative mechanisms (Anwar et al., 2009).

As bacterial suspensions of S. aureus is used in different inflammatory models such as infectious sepsis and septic arthritis (Crosara-Alberto et

al., 2002; Guo et al., 2009) or in different methodologies in laboratories, and there is evidence that temperature and time of storage can influence the viability of gram-positive bacterias in suspension, even as Clostridium sporogenes (Mah et al., 2010), we investigated the effect of storage of bacterial suspension of S. aureus and the influence this process in inflammatory models in vivo .

MATERIALS AND METHODS

Animals: Male Swiss mice (25-30 g) from the Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brazil, were used in this study. Mice were housed in standard clear plastic cages with free access to food and water and a light/dark cycle of 12:12 h and kept at 21º C. All testing was performed between 9 a.m. and 5 p.m. in a temperature-controlled room. Animal care and handling procedures were approved by the Ethics Committee of the Universidade Estadual de Londrina. All efforts were made to minimize the number of animals used and their suffering.

Staphylococcus aureus suspension preparation: S. aureus was obtained from ATCC (American Type Culture Collection, U.S.A.) number 6336. Twenty four hours before each experiment samples of bacteria were cultured in blood agar medium at 37º C. The bacterial suspension was centrifuged and the pellet was ressuspended in sterile phosphate-buffered saline (PBS) to fit 0.5 McFarland Scale, visual comparison, for administration to the animals and serial dilutions to confirm bacterial viability. The number of colony forming units (CFU) of the bacterial suspension was determined through serial dilution and plating on BHI agar dishes viable CFU determined after 24 h.

Peritonitis Model and neutrophil migration: The peritonitis was induced through intraperitoneal injection of S. aureus suspension. The animals received bacterial suspension or saline into the peritoneal cavity in a volume of 500 µL. The quantity of bacteria injected was 5 x 108 CFU/ml. Neutrophil migration was assessed 6h after i.p. injection of bacterial suspension. The peritoneal cavities of mice were then washed with 2mL of saline containing 10 mM EDTA (Verri et al., 2007). The exudates were collected by aspiration for determination of the total number of leukocytes in a Neubauer chamber diluted in Turk's solution. Differential cell counts were determined in slices stained by the Rosenfelt method (Verri et al., 2007).

Induction of bacterial arthritis and neutrophil migration: The septic arthritis was induced by local injection in the femur-tibial joint of mice of S. aureus suspension. As control other animals received 10 µL of sterile saline. The mice were sacrificed at the 15th day after inoculation of bacteria and the synovial cavity of knee joint was washed twice with 5 µL saline contained 10 mM EDTA (Rocha et al., 2008). The total number of infiltrating cells was determined in a Neubauer Chamber diluted in Turk's solution and the differential counts were performed in slices stained by the Rosenfeld method.

Evaluation of articular hyperalgesia: The articular hypernociception of the femur–tibial joint was evaluated using a previous method (Verri et al., 2008; Pinto et al., 2010) with modification. In a quiet room, mice were placed in acrylic cages (12 x 10 x 17 cm high) with a wire grid floor 15–30 min before testing for environmental adaptation. Stimulations were performed only when animals were quiet, did not display exploratory movements or defecation, and were not resting on their paws. In these experiments, an electronic pressure-meter was used. It consists of a hand-held force transducer fitted with a polypropylene tip (IITC Inc., Life Science Instruments, Woodland Hills, CA, USA). For this model, a large tip (4.15 mm2) was adapted to the probe. An increasing perpendicular force was applied to the central area of the plantar surface of the hind paw to induce flexion of the femur–tibial joint followed by paw withdrawal. A tilted mirror below the grid provided a clear view of the hind paw. The electronic pressure-meter apparatus automatically recorded the intensity of the force applied when the paw was withdrawn. The test was repeated until three subsequently consistent measurements (i.e. the variation among these measurements was less than 1 g) were obtained. The flexion-elicited mechanical threshold was expressed in grams (g).

Evaluation of joint edema: The edema of femur-tibial joints was evaluated by measurement of the transverse diameters of femur-tibial joints using an analogical caliper (Mitutoyo Corp., Kanagawa Japan). Values of femur-tibial joint thickness are expresses as the difference between the diameter measure before (basal) and after induction of articular inflammation in millimeters (Valerio et al., 2009).

Statistical analysis: Statistical analyses were performed using GraphPad Prism (La Jolla, 5 CA). Results are presented as means ± SEM of 2 independent experiments. The "n" in the legends refers to the number of mice used

in the experimental group of each experiment. The differences between the experimental groups were compared by ANOVA (one-way) and individual comparisons were subsequently made with Tukey's post hoc test. The level of significance was set at $P < 0.05$.

RESULTS

Standardization of the number of S. aureus CFUs in 0.5 McFarland's scale suspension.

S. aureus suspension was prepared from colonies incubated overnight at 37oC on blood agar plates. At three different days, suspensions were prepared in accordance with the 0.5 of McFarland's scale. The suspensions were diluted sequentially for subsequent plating in triplicate with a fixed volume to determine the number of CFU in each suspension after 24 h incubation at 37oC. The number of bacteria was considered within the range of 30 to 300 CFU per plate, as previously described (Brock et al., 1994). The mean of three experiments performed in triplicate was 1.38 x 108/mL (Table 1). This value was considered the mean CFU in 0.5 degree of McFarland's scale and was used for subsequent experiments. There was no significant difference between the experiments.

Effect of storage in S. aureus suspension viability.

To examine the effect of storage in the viability of bacteria, a bacterial suspension of S. aureus which was prepared fitting 0.5 of McFarland Scale, was plated for serial dilution at 0h (before storage) and 24h after storage at 8oC, which is a usual temperature in laboratory routine. The number of viable bacteria was determined by plated serial dilution and counting the number of CFU 24h after plating. Total number of CFU per plate was considered valid if ranging between 30 and 300 CFU per plate (Brock et al., 1994) (Fig.1). It was detected that the storage for 24h reduced the number of viable S. aureus either the suspension was prepared using the McFarland's scale (Fig.1). Thus, these results indicate that storage of S.

aureus at 8oC for 24h reduces the number of viable bacteria in the suspension prepared according McFarland's Scale..

Effect of bacterial suspension storage in mice peritonitis.

S. aureus suspension was prepared according to 0.5 value of McFarland's scale, and 5 x 108 CFU/ml were administrated via intraperitoneal route (i.p.) immediately (0h) or after being stored for 24 hours at 8ºC (Fig. 2). Saline was used (500 µl/cavity) as negative control. There was a significant increase of total leukocytes (Fig. 2A) and total neutrophils (Fig. 2B) in the peritoneal cavity of mice that received 0 h S. aureus suspension compared to control group. On the other hand, the total leukocytes (Fig. 2A) and total neutrophils (Fig. 2B) were reduced in 24 h S. aureus suspension compared to 0h S. aureus suspension. Furthermore, there was no statistical difference between control group and 24h S. aureus suspension group (Fig. 2A and 2B).

Effect of storage of bacterial suspension in the S. aureus-induced septic arthritis in mice.

S. aureus suspension was prepared according to 0.5 value of McFarland's scale, and 1 x 107 CFU were injected intra-articularly (i.a., 10 µl) in the femur-tibial joint of mice at 0 h (before storage) and 24 h (after storage at 8oC) (Fig. 3). The i.a. injection of both suspension induced significant mechanical hyperalgesia (Fig. 3) and edema (Fig. 4) in mice. Nevertheless, the i.a. administration of 0 h S. aureus suspension induced significantly greater hyperalgesia (Fig. 3) and edema (Fig. 4) compared to 24 h S. aureus suspension. Concerning cellular recruitment, it was observed that i.a. administration of 0 h S. aureus suspension induced significant recruitment of total leukocytes (Fig.5A), neutrophils (Fig. 5B) and mononuclear cells (Fig. 5C) to the knee joint of mice compared to saline group and 24 h S. aureus suspension.

DISCUSSION

An important question in bacteriology and in studies involving bacteria is determining how many living bacteria are in a sample, and its effect upon in vivo investigations. Herein, it was demonstrated that storage of bacterial suspension for 24 h to determine the number of bacteria by serial plating reduces the number of viable Staphyloccocus aureus in the sample, resulting in reduced bacterial load in vivo. As a consequence, there is reduced inflammation (e.g. pain, edema and leukocyte recruitment). An interesting and reliable approach to determine bacterial counts in a sample is the use of McFarland's scale to estimate the number of CFU and avoiding the reduction of S. aureus viability that affects bacterial count-related in vivo inflammation.

It is a common/standard procedure in laboratory routine to determine the number of viable bacteria by preparing a bacterial suspension, which follows two separated procedures. In one procedure, this suspension undergoes serial dilutions followed by plating and determinations of the total number of colony-forming unities (CFU) (Richards et al., 1977; Madrid et al., 1999). The number of CFU must be in the range of 30-300 (Brock et al., 1994). In the second procedure, the bacterial suspension is stored at approximately 8oC for 24 h until the result of bacterial CFU counting is determined in the first procedure. Then, the bacterial suspension can be used.

An interesting alternative to the CFU counting method is the use of McFarland's scale in which the number of bacteria is estimated by the turbidity of the suspension (McFarland et al., 1907). This procedure can be performed using equipments to determine the optical density or by visual comparison with a standard scale. In the present study, we used the visual comparison with a standard scale to ensure the use of a method with maximal simplicity and low cost avoiding the need of equipment. The number of viable bacteria in the suspension was confirmed by CFU counting using random suspension and 0.5 McFarland's degree scale. It was observed a reduction in the number of viable S. aureus CFU by plating the suspension for 24 h of storage compared to 0 h (before storage). Therefore, storage at 8oC reduces S. aureus viability either using a random suspension or 0.5 McFarland's scale degree suspension, indicating that the CFU counting method with 24 h storage will result in reduced S. aureus load. Indeed, temperature and time of

storage also affects other bacteria such as Vibrio spp (Matches et al., 1971) and Clostridium sporogenes (Mah et al., 2010). This fact can be atribuitted to damage of the cytoplasmic membrane as well as to outer membrane of bacteria (Souzu, 1980).

S. aureus was chosen because it is a bacterium with clinical relevance. There is participation of S. aureus in septic arthritis (Tarkowski et al., 2001; Tarkowski et al., 2002) and sepsis originated in the peritoneum (Bannan et al., 2009). S. aureus infection induces inflammatory signs of pain, edema and recruitment of leukocytes. Therefore, it was investigated whether there is reduced inflammation by administrating of stored (24 h) compared to non-stored (0 h) S. aureus suspension using 0.5 McFarland's degree. The non-stored S. aureus suspension induced significantly greater recruitment of total leukocytes and neutrophils in the peritonitis model compared to stored S. aureus suspension.

In the septic arthritis mode, it was also possible to determine that non-stored S. aureus suspension induced significantly greater intensity of joint mechanical hyperalgesia, edema, and total leukocyte, mononuclear cells and neutrophils recruitment to the knee joint of mice compared to stored S. aureus suspension. Thus, in different sites of infection and different inflammatory parameters were affected by the storage of S. aureus suspension.

The inflammatory phenomena are at some extend interconnected . For instance, neutrophils are important leukocytes recruited in acute inflammation that contribute to the development of mechanical hyperalgesia by further producing nociceptive mediators such as prostaglandin E2 (Cunha et al., 2008; Guerrero et al., 2008; Ting et al., 2008; Verri et al., 2009). In this sense, reduced bacterial load will result in reduced activation of resident cells (e.g. macrophages) that will produce reduced amounts of chemotatic mediators (e.g. TNFα, IL-1β and chemokines) resulting in reduced neutrophil recruitment, edema and pain (Verri et al., 2006; Verri et al., 2007; Verri et al., 2010). Recruited neutrophils are also important for bacterial clearance by phagocytosis and production of microbicidal oxygen and nitrogen species. Thus, reduced bacterial load will result in reduced neutrophil recruitment and activation (Crosara-Alberto et al., 2002).

This study raises implications concerning the interpretation of data. In sepsis, there is a failure (reduced) of neutrophil recruitment to the inflammatory foci because neutrophils are activated in the circulation by bacteria and bacterial products. Bacterial products such as lipopolysaccharide (LPS) down-regulate the

expression of chemokine receptors (e.g. CXCR2) via GRK, therefore, there is no gradient towards inflammatory foci (Alves-Filho et al., 2010). It is possible to induce peritonitis, sepsis or septic arthritis by administrating a bacteria suspension. However, if the bacterial load is excessive, it is possible to induce septic shock instead of peritonitis since the resident cells and recruited cells will not be able to control infection in the inflammatory foci because the bacterial load is supra-maximal (Alves-Filho et al., 2010). In this sense, using a bacterial dose based on a literature study that used CFU counting plus storage, but using McFarland's scale will result in a significantly greater inflammation that can eventually lead to loose of local control of infection and sepsis. Other implications are that pharmacological treatments might be ineffective if the bacterial load is supra-maximal, or the window between negative (PBS or saline) and positive controls (bacteria) is too small to allow detection of reduction by a testing treatment.

Concluding, the present results suggest that standardization of bacterial counts is an important step in bacteriology and related areas, and that storing or not the sample has implications such as the intensity of inflammation obtained in vivo, and the consequent interpretations of data. Accordingly, the use of the MacFarland scale is a good instrument for process optimization and also to reliably estimate the number of bacteria in a sample.

ACKNOWLEDGEMENTS

We thank the excellent technical assistance of Jesus A. Vargas, Pedro S. Dionísio Filho and Claci Sandra. This work was supported by Brazilian grants from Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (Decit/SCTIE), Ministério da Saúde (MS) (Decit/SCTIE/MS), Fundação Araucária, Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), and Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERENCES

Alves- Filho JC, Sônego F, Souto FO et al (2010). Interleukin-33 attenuates sepsis by enhancing neutrophil influx to the site of infection. Nat Med 16: 708-12.

Anwar S, Prince LR, Foster SJ et al. (2009). The rise and rise of Staphylococcus aureus: laughing in the face of granulocytes. Clin Exbp Immunol. 157(2):216-24.

Bannan J, Visvanathan K, Zabrieskie JB (1999). Structure and function of streptococcal and staphylococcal superantigens in septic shock. Infect Dis Clin N Am 13: 387 - 96.

Berends ETM, Horswill ALR, Haste NM et al. (2010) Nuclease Expression by Staphylococcus aureus Facilitates Escape from Neutrophil Extracellular Traps. J Innate Immun. 2:576–586.

Brock T D, Madigan MT, Martinko JM, Parker J (1994). “Growth and Its Control”. In: Brock T D, Madigan MT, Martinko JM, Parker J (eds). Biology of microorganisms. New Jersey, pp. 321-60.

Crosara-Alberto DP, Darini AL, Inoue RY, Silva JS, Ferreira SH, Cunha FQ (2002). Involvement of NO in the failure of neutrophil migration in sepsis induced by Staphylococcus aureus. Brit J Pharmacol 136: 645-58.

Cunha TM, Verri WA Jr, Schivo IR et. al. (2008). Crucial role of neutrophils in the development of mechanical inflammatory hypernociception. J Leukocyte Biol 83:824-32.

Guerrero AT, Verri WA Jr, Cunha TM et al (2008). Hypernociception elicited by tibio-

tarsal joint flexion in mice: a novel experimental arthritis model for pharmacological screening. J Leukocyte Biol 83: 122-30.

Guo Y, Li J, Hagström E et al. (2009) Protective Effects of Plasminogen in a mouse model of Staphylococcus aureus-Induced Arthritis. Arthritis Rheum. 58: 764-772.

Madrid RE, Felice CJ, Valentinuzzi ME (1999). Automatic on-line analyser of microbial growth using simultaneous measurements of impedance and turbidity. Cellular Engineering. 37: 789-93.

Mah JH, Kang DH, Tang J. (2009). Comparison of viability and heat resistance of Clostridium sporogenes stored at different temperatures. J Food Sci. 74(1): 23-27.

Matches JR, Liston J, Hainault. (1971). Survival of Vibrio parahaemolyticus in fishhomogenate during storage at low temperatures. Appl. Microbiol. 21: 951–952.

McFarland J (1907). The Nephelometer: A instrument for estimating the number of bacteria in suspensions used for calculatinf the opsonic index and vaccines. J A Med Assoc 14:1176-78.

Okoli CO, Akah PA, Onuoha NJ et al. (2008) Acanthus montanus: an experimental evaluation of the antimicrobial, anti-inflammatory and immunological properties of a traditional remedy for furuncles. BMC Complement Altern Med. 8 (27): 1-11.

Pinto LG, Cunha TM, Vieira SM et al. (2010). IL-17 mediates articular hypernociception in antigen-induced arthritis in mice. Pain. 148 (2): 247-56.

Richards JCS, Jasons AC, Hobbs G, Gibson DM, Christie RH (1978). Electronic measurement of bacterial growth. J Phys E Sci Instrum 11: 561-69.

Rocha FA, Leite AK, Pompeu MM et al. (2008). Protective effect of an extract from Ascaris suum in Experimental arthritis models. Infect Immun. 76: 2736–45.

Souzu, H. (1980). Studies on the damage to Escherichia coli cell membrane caused by different rates of freeze-thawing. Biochim Biophys Acta (BBA). 603: 13–26.

Tarkowski A, Collins LV, Gjertsson I et. al. (2001). Model systems: modeling human staphylococcal arthritis and sepsis in the mouse. Trends Microbiol. 9:321–6.

Tarkowski A, Bokarewa M, Collins LV et al. (2002). Current status of pathogenetic mechanisms in staphylococcal arthritis. FEMS Microbiol. Lett.217:125–32.

Ting E, Guerrero AT, Cunha TM et al. (2008). Role of complement C5a in mechanical inflammatory hypernociception: potential use of C5a receptor antagonists to control inflammatory pain. Brit J Pharmacol 153:1043–53.

Valerio DA, Georgetti SR, Magro DA et al. (2009). Quercetin reduces inflammatory pain: inhibition of oxidative stress and cytokine production. J Nat Prod 72(11): 1975-9.

Verri WA Jr, Cunha TM, Parada CA et al. (2006). Hypernociceptive role of cytokines and chemokines: targets for analgesic drug development? Pharmacol Therapeut 112:116-38.

Verri WA Jr, Cunha TM, Ferreira SH et al. (2007). IL-15 mediates antigen-induced neutrophil migration by triggering IL-18 production. Eur J Immunol 37 (12): 3373-80.

Verri WA, Jr, Guerrero AT, Fukada SY, et al. (2008). IL-33 mediates antigen-induced cutaneous and articular hypernociception in mice. Proc Natl Acad Sci USA . 105:2723-28.

Verri WA Jr., Cunha TM, Magro DA et al. (2009). Targeting endothelin ETA and ETB receptors inhibits antigen-induced neutrophil migration and mechanical hypernociception in mice. N-S Arch Pharmacol 379: 271-79.

Verri WA Jr, Souto FO, Vieira SM et. al. (2010). IL-33 induces neutrophil migration in rheumatoid arthritis and is a target of anti-TNF therapy. Ann Rheum Dis. 9: 1697-703.

Brock T D, Madigan MT, Martinko JM, Parker J (1994). “Growth and Its Control”. In: Brock T D, Madigan MT, Martinko JM, Parker J (eds). Biology of microorganisms. New Jersey, pp. 321-60

Whaley K, Burt AD (1996) “Inflammation, healing and repair”. In: MacSween RMN, Whaley K. Muir's Textbook of Pathology. London, pp. 112-165.

FIGURE LEGENDS

Table 1: Mean values of CFU in suspensions prepared according to McFarland scale at different days. A suspension of culture of Staphylococcus aureus ATCC (American Type Culture Collection, U.S.A.) number 6336 in Blood Agar at 37ºC for 24hours was prepared in PBS to fit the 0.5 of McFarland Scale. Serial dilutions of the suspension were prepared and immediately plated. After 24 hours of incubation at 37ºC it was determined the number of viable bacteria (colony forming unity – CFU). The number of bacteria was considered within the range of 30 to 300 CFU per plate, as previously described. There was no significant difference between experiments.

Fig. 1. Storage of Staphylococcus aureus suspension diminishes its viability. S. aureus ATCC (American Type Culture Collection, U.S.A.) number 6336 were cultured in blood agar medium at 37º C for 24 hours. A bacterial suspension was prepared fitting 0.5 of McFarland Scale. The number of colony forming units (CFU) was determined through serial log dilution and plating on BHI agar dishes using non-stored (0 h) and stored (24 h) bacteria suspension samples. The storage was at 8oC for 24 h. n = 3, representative of two separated experiments. *P<0.05 compared to 0 h suspension. t test.

Fig. 2. Storage of S. aureus suspension diminishes inflammatory response in the peritoneal cavity of mice. Mice received an intraperitoneal injection of 5 x 108 CFU of S. aureus /ml suspension according to 0.5 of McFarland scale or PBS (0 h, 500 µl). The same suspension was stored at 8oC for 24 h and administered in another group of mice at the same dose. The total number of leukocytes (A) and neutrophils (B) into the peritoneal cavity were quantified 4 h after stimulus injection. n = 7, representative of two separated experiments. *P < 0.05 compared to saline and #P < 0.05 compared to suspension 0 hour. One-way ANOVA followed by Tukey's test.

Fig. 3. Storage of S. aureus suspension reduced mechanical articular hyperalgesia. The bacterial suspension of S. aureus (107 CFU) or saline (10 µl) was injected in the femur-tibial joint of mice. The articular hyperalgesia was evaluated with an electronic pressure meter over 15 days. Data are means ± SEM (n =5), representative of two separated experiments. * P < 0.05 compared to saline group, # P < 0.05 compared to saline group and stored bacterial suspension (24 h). One-way ANOVA followed by Tukey's t test.

Fig. 4. Storage of S. aureus suspension reduced joint edema in mice. The bacterial suspension of S. aureus (107 CFU) or saline (10 µl) was injected in the femur-tibial joint of mice. The articular edema was evaluated with an analog caliper during 15 days. Data are means ± SEM (n =5), representative of two separated experiments. * $P < 0.05$ compared to saline group, # $P < 0.05$ compared to saline group or bacterial suspension (24 h). One-way ANOVA followed by Tukey's t test.

Fig. 5. Storage of S. aureus suspension reduced leukocyte migration to the knee joint of mice. The bacterial suspension of S. aureus (107 CFU) or saline (10 µl) was injected in the femur-tibial joint of mice. Total leukocytes (A), neutrophil (B) and mononuclear cells (C) counts were determined using Newbauer chamber and Rosenfelt stained slices 15 days after bacterial suspension injection. Data are means ± SEM (n =5), representative of two separated experiments. * $P < 0.05$ compared to saline group, # $P < 0.05$ compared to saline group or bacterial suspension (24 h). One-way ANOVA followed by Tukey's t test.

Table 1

McFarland Scale	Means of Values (CFU x 10^8 / ml)
	1.37
	1.49
	1.29
Mean of Means ± SEM	**1.38 ± 0.05**

Figure 1

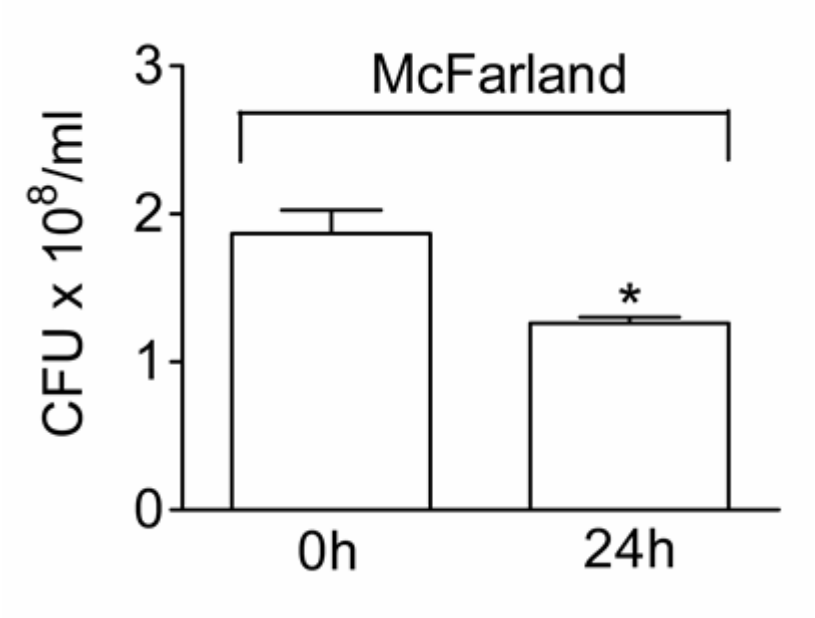


Figure 2

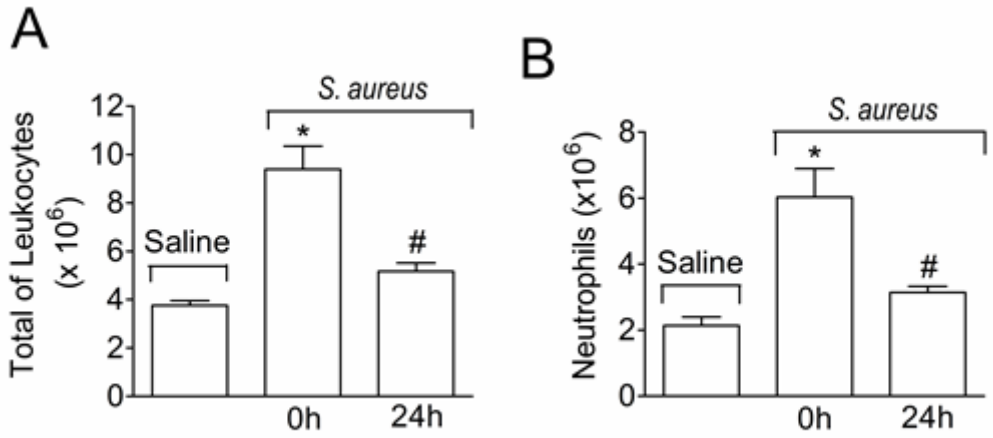


Figure 3

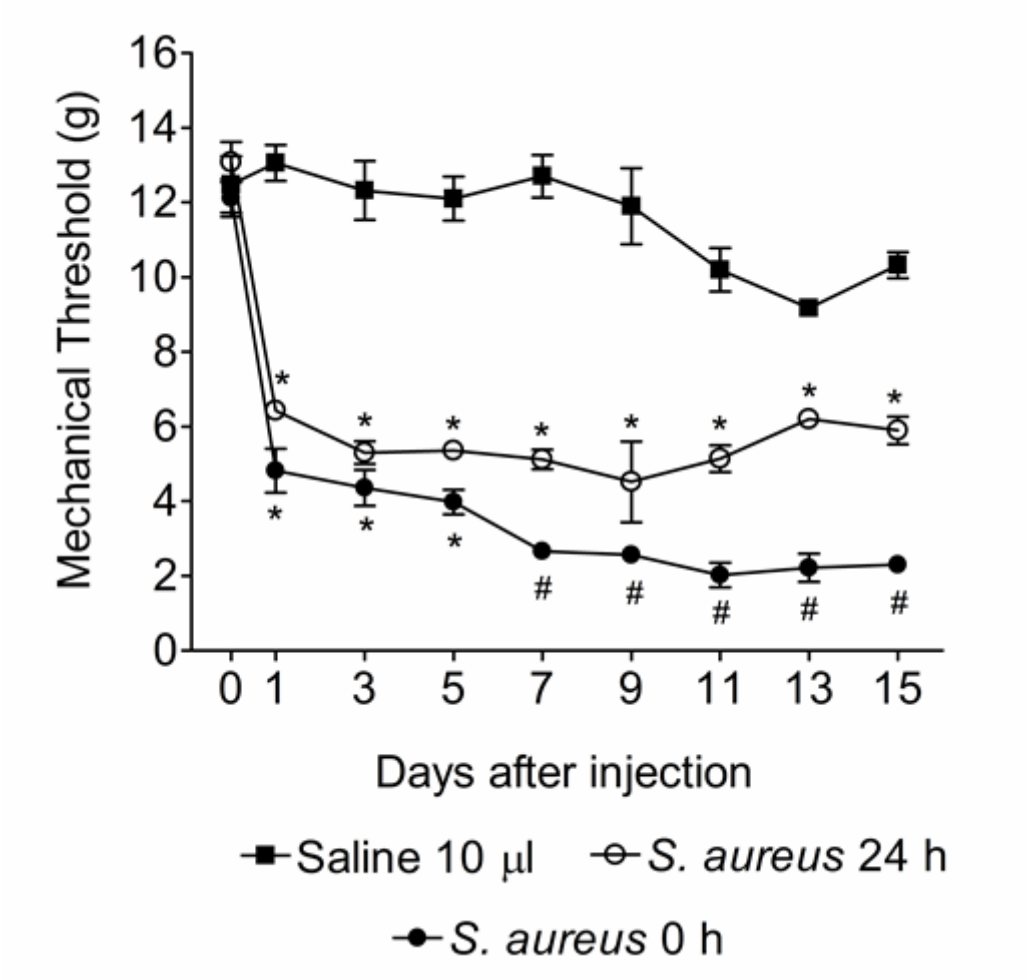

Mechanical Threshold (g)
16
14
12
10
8
6
4
2
0
0 1 3 5 7 9 11 13 15
Days after injection
Saline 10 μl
S. aureus 24 h
S. aureus 0 h

Figure 4

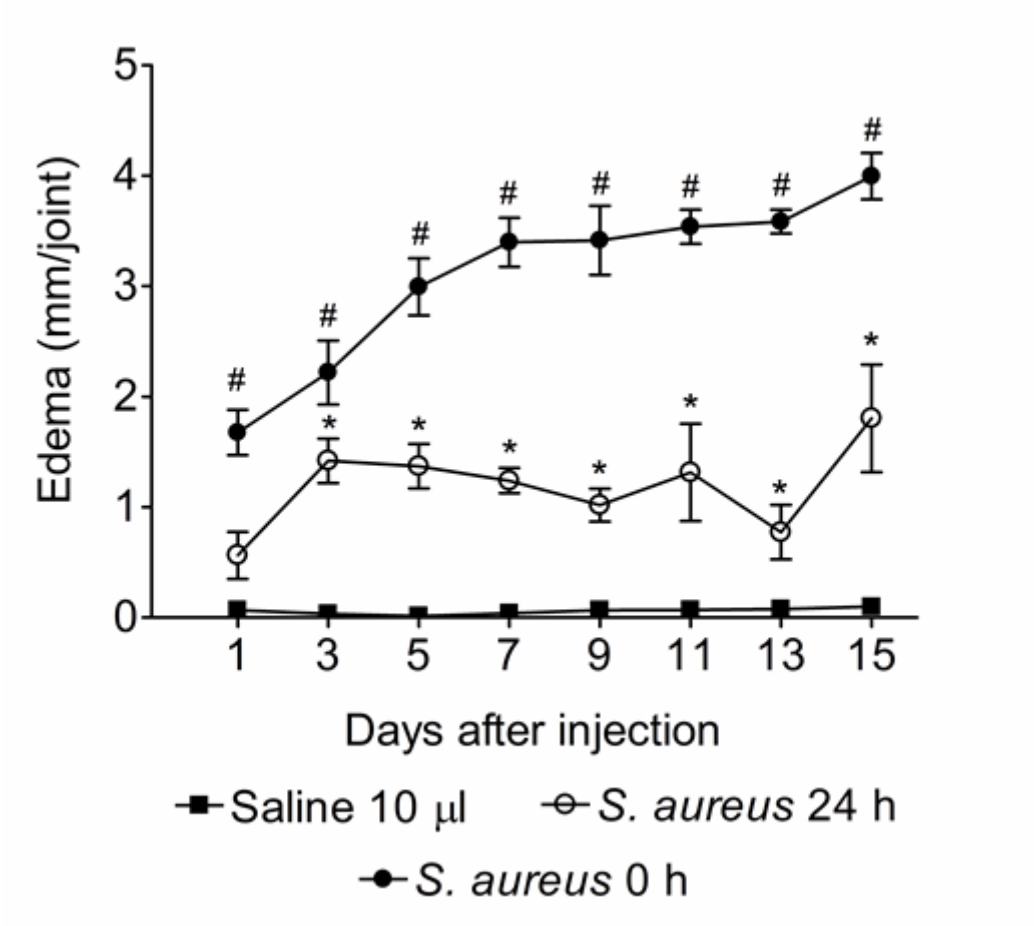
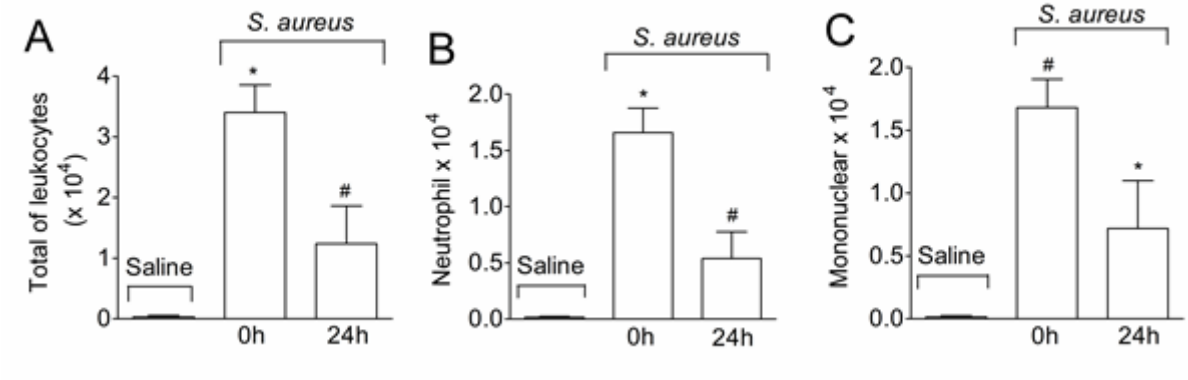


Figure 5



5 RESUMO DO ARTIGO 2

A IL-33 é uma citocina da família da IL-1, e assim como a IL-1 e a IL-18, tem efeitos pró-inflamatórios. Tem sido demonstrado que a IL-33 participa no desenvolvimento da inflamação articular por induzir a migração de neutrófilos para o sítio inflamatório tanto de forma direta, como de forma indireta. Em modelo animal de sepse induzida pela perfuração do ceco, a ativação de receptores tipo Toll promove a dessensibilização dos receptores para quimiocinas como o CXCR2, os quais são necessários para manutenção do direcionamento de neutrófilos para o foco infeccioso, a IL-33 inibe essa dessensibilização, mantendo o recrutamento de neutrófilos para o foco infeccioso. Uma doença que de certa forma engloba características dessas duas condições é a artrite séptica. Assim, o presente estudo teve por objetivo avaliar a participação da IL-33 na fisiopatogenia da artrite séptica, avaliando especificamente os parâmetros inflamatórios: dor, edema e migração celular. Para isso, foi preparada em salina suspensão de Staphylococcus aureus ATCC (American Type Culture Collection, USA) número 6336, a partir do padrão 0.5 da escala de McFarland. A suspensão foi inoculada na articulação fêmur-tibial de animais Balb/c (WT) e ST2-/-, C57BL/6 (WT), TNFR1-/- e IL-17R-/-pesando de 20-25g (n=6). Foram utilizadas doses de 1 x 10 5 CFU, 1 x 106 CFU, 1 x 107 CFU por articulação, num volume de 10 ul. O controle negativo recebeu 10 ul de salina (NaCl 0,9%). A hiperalgesia mecânica (dor) e edema foram avaliados antes da administração das bactérias (tempo 0h) e depois em dias alternados até o 28º dia após a inoculação. Os camundongos foram sacrificados no 28º dia para avaliação do infiltrado leucocitário (leucócitos totais e contagem diferencial). A administração de bactérias induziu aumento dose-dependente da hiperalgesia mecânica, edema e migração celular para o foco infeccioso. A dose de 107 CFU/10µl atingiu os maiores índices de hiperalgesia mecânica, edema e migração celular, sendo esta escolhida para o tratamento dos animais deficientes para o receptor da IL-33 (ST2-/-). Os animais ST2-/- que receberam 107 CFU/10µl de Staphylococcus aureus apresentaram diminuição da hiperalgesia, edema e migração de leucócitos em comparação com os animais Balb/c. Por outro lado, os animais TNFR1-/- e IL-17R-/- apresentaram aumento nesses parâmetros inflamatórios. A partir desses dados, sugere-se que a IL-33 participa no desenvolvimento da dor, edema e migração de leucócitos na monoartrite séptica induzida pela administração intra-articular de Staphylococcus aureus e que a inibição da atividade da IL-33 poderia reduzir o desenvolvimento de inflamação na artrite séptica. Por outro lado, a inibição da atividade do TNFα e IL-17 resultaria em piora da artrite séptica. Assim, o trabalho sugere principalmente que a IL-33 é uma citocina importante para a resposta inflamatória na monoartrite bacteriana e que a inibição da sua atividade reduz a inflamação, não interferindo na resposta local contra a bactéria. Ademais, a inibição da atividade da IL-33 poderia ser um alvo terapêutico na artrite reumatóide com menos efeitos colaterais do que as terapias anti-TNF (infliximab, etanercept) e terapias recém sugeridas, como a anti-IL-17, pois na primeira os pacientes não ficariam suscetíveis às infecções como nas últimas.

Palavras-chaves: IL-33. Artrite reumatoide. Artrite séptica. Dor. Edema e migração celular.

6 ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO 2

Este é um trabalho realizado no Laboratório de Dor, Neuropatia, Câncer e Inflamação, formado pelo artigo científico: IL-33 RECEPTOR DEFICIENCY AMELIORATES SEPTIC ARTHRITIS IN MICE. STAURENGO-FERRARI, L.1; CARDOSO, R.D.R.; PELAYO, J.S.; XU, D.; LIEW, F.Y.; CUNHA, F.Q; SARIDAKIS, H.O.; VERRI, W.A., Jr.

As formatações do artigo seguem as normas da revista: Annals of Rheumatic Diseases (ARD) (Anexo 2).

EXTENDED REPORT

IL-33 RECEPTOR DEFICIENCY AMELIORATES SEPTIC ARTHRITIS IN MICE.

STAURENGO-FERRARI, L[1]; CARDOSO, R.D.R.[1]; PELAYO, J.S.[2]; CUNHA, F.Q.[3].; XU, D.[4].; LIEW, F.Y.[4] ; SARIDAKIS, H.O.[2]; VERRI, W.A., Jr[1]*

Short title: IL-33 receptor deficiency reduces septic arthritis.

Key words: Hyperalgesia, Inflammation, Septic Arthritis, IL-33, ST2.

***Author for correspondence:** Waldiceu A. Verri Jr, Fax: +55 43 3371-4387, Tel: +55 43 3371 4979. E-mail: waverri@uel.br or waldiceujr@yahoo.com.br.

Abbreviations: RA (Rheumatoid arthritis); S. aureus (Staphylococcus aureus); LPS (Lipopolysaccharide); GRK2 (G protein–coupled receptor kinase-2); DMARDs (Disease-modifying antirheumatic drugs); TNFR1 (TNFα receptor); IL-17R (IL-17 receptor); M. tuberculosis (Mycobaterium tuberculosis).

Word Count: 2.605 words

[1] Departamento de Patologia,
[2] Departamento de Microbiologia - Centro de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná 86051-970, Brazil; Rodovia Celso Garcia Cid Pr 445, KM 380, , 86051-990, Londrina, Parana, Brazil
[3] School of Medicine of Ribeirao Preto, University of São Paulo, Avenida Bandeirantes, 3900, 14049-900- Ribeirao Preto, São Paulo, Brazil
[4] 5Division of Immunology, Infection and Inflammation, University of Glasgow, 120, University Place, Glasgow G12 8TA, UK.

ABSTRACT

Objectives: IL-33 is a cytokine of IL-1 family, which signals through its receptor ST2 and induces pleiotropic responses depending on cytokine milieu. For instance, it mediates neutrophil recruitment in rheumatoid arthritis, and sepsis. The septic arthritis has features or links rheumatoid and sepsis since RA patients are more susceptible to septic arthritis. Herein, we investigated the involvement of IL-33 in the pathophysiology of septic arthritis. **Methods and Results:** The results showed that administration of Staphylococcus aureus in the femur-tibial joint of mice caused a dose-dependent increase in the mechanical hyperalgesia, edema and cell migration to the infection site. The mechanical hyperalgesia, edema and cell migration (total of leucocytes; neutrophils and mononuclear cells) were diminished in ST2 deficient (-/-) mice compared to Balb/c mice during the 28 days evaluated. On the other hand, TNFR1-/- and IL-17R-/- mice exhibited increased inflammatory response compared to WT. **Conclusion:** The results suggest that IL-33 participates in the development of pain, edema and leukocyte migration in septic monoarthritis induced by intra-articular administration of S. aureus. Furthermore, anti-IL-33 therapy seems to be more adequate than anti-TNF or anti-IL-17 therapies for RA since would not favor the development of septic arthritis.

INTRODUCTION

IL-33 is a novel cytokine of IL-1 family that includes IL-1 and IL-18. However, unlike IL-1 and IL-18, which mainly promote T-helper 1 (Th1)- associated responses, IL-33 predominantly induces the production of Th2 cytokines (IL-5 and IL-13) and increases the levels of serum Ig. [1] IL-33 binds the heterodimeric receptor complex consisting of ST2 (IL-1RL1) and IL-1 receptor accessory protein. [1-3] ST2 is expressed on TH2 cells and mast cells and has a key role in TH2 effector functions. [4, 5] Moreover, ST2 can negatively regulate TLR activation via seques¬tration of the TLR signaling components myeloid differentiation factor-88 (MyD88) and Mal.[6]

Recently, it has been demonstrated that IL-33 also induces innate, Th1 and Th17 inflammatory responses [7-10]. This pleiotropic cytokine has been involved in the pathogenesis of a variety of rheumatic, immune regulation and in inflammatory diseases. However, in sepsis, IL-33 has also considered a critical cytokine capable of activating neutrophils during protective host response against polimicrobial infection [10]. As such, it offers novel therapeutic potential. [7,8,11] Accordingly, IL-33 and ST2 are detected in the synovial tissue and serum of rheumatoid arthritis patients. [4,7] In murine models of rheumatoid arthritis, IL-33 contributes to the development of articular mechanical hyperalgesia [7] and increases the inflammatory responses by inducing neutrophil recruitment to the knee joints. [12] This neutrophil recruitment is indirect by IL-33-induced production of chemotatic cytokines and chemokines, and direct because neutrophils express elevated levels of ST2 in rheumatoid arthritis in response of TNFα, therefore, being chemoattracted by IL-33. [13]

At some extend, septic arthritis has features or links rheumatoid arthritis since there is increased incidence of septic arthritis in rheumatoid arthritis patients. [14] This may be due to several reasons, such treatment with immunosuppressive, disease-modifying antirheumatic drugs (DMARDs) and biological therapies may decrease the immune function required for protection from pathogens predisposes to bacterial joint colonization, such [14,15] current anti-TNF (e.g. infliximab, etanercept) therapies [14] and experimental targeting IL-17 therapies [16]. These facts have implications for identifying novel targets in disease to avoid

the development of infection such as septic arthritis that is inflammatory processes accompanied by erode articular damage, bone and joint destruction leading to irreversible loss of joint function [17].

Considering the evidence described above of dual role of IL-33 as pathogenic or host protective factor in autoimmune or microbial settings, we addressed the involvement of IL-33 in the pathogenesis of septic arthritis induced by local administration (femur-tibial; knee joint) of Staphylococcus aureus in mice, which is the most common pathogen in septic arthritis. [18] Specifically, it was evaluated the effect of IL-33 receptor deficiency (ST2-/-) in the septic arthritis-induced articular inflammatory pain (referred to as mechanical hyperalgesia), edema and leukocyte migration.

Compelling evidence indicates a critical role for TNFα [17,18] and IL-17 [19-22] in sustaining the inflammatory response in several models of arthritis, we compared the results obtained with ST2-/- mice to TNFR1-/- and IL-17R-/-mice.

MATERIALS AND METHODS

Mice. BALB/c, C57BL/6, ST2-/-, TNFR1-/-, IL-17R-/- from Faculty of Medicine of Ribeirao Preto (FMRP) were maintained in the Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mice were housed in standard clear plastic cages with free access to food and water, and a light/dark cycle (12:12 h) at 21 °C. The Ethics Committee on Animal care and handling procedures of the UEL approved this study.

Staphylococcus aureus suspension preparation. S. aureus was obtained from ATCC (American Type Culture Collection, U.S.A.) number 6336. Twenty four hours before each experiment samples of bacteria were cultured in blood agar medium at 37ºC. The bacterial suspension was centrifuged and the pellet was ressuspended in sterile phosphate-buffered saline (PBS) to fit 0.5 McFarland Scale for administration to the animals and serial dilutions to confirm bacterial viability. The number of colony forming units (CFU) according to the McFarland scale was previously standardized. [23]

Induction of septic arthritis. The septic arthritis was induced by local injection of Staphylococcus aureus suspension in the femur-tibial joint of mice. As control other animals received 10 µL of sterile saline. The animals were evaluated over 28 days after injection.

Evaluation of articular hyperalgesia. The articular hyperalgesia of the femur-tibial joint was evaluated over 28 days in mice as previously reported method. [20] In quiet room, mice were placed in acrylic cages with a wire grid floor 15–30 min before testing for environmental adaptation. The test consisted of evoking hind-paw flexion reflex with a hand-held force transducer adapted with a 4.15 mm2 polypropylene tip. The end point was characterized by paw to induce flexion of the femur–tibial joint followed by paw withdrawal. After the paw withdrawal the intensity of the pressure was automatically recorded, and the value for the response was obtained by averaging three measurements. The flexion-elicited mechanical threshold was expressed in grams (g).

Evaluation of joint edema. The femur-tibial joints edema was evaluated over 28 days by measurement of the transverse diameters of femur-tibial joints using an analog caliper (Mitutoyo Corp., Kanagawa Japan). Values of femur-tibial joint thickness are expresses as the difference between the diameter measure before (basal) and after induction of articular inflammation in millimeters. [24]

***In vivo* leukocyte migration.** Mice received S. aureus in femur-tibial joint or sterile saline were sacrificed at the 28th day after inoculation of bacteria and the synovial cavity of knee joint was washed twice with 5 µL saline contained 10 mM EDTA. [25] The total number of infiltrating cells was determined in a Neubauer Chamber diluted in Turk's solution. Differential cell counts were determined in cytocentrifuge Rosenfeld stained slices (Cytospin 4; Shandon, Pittsburg, PA). Differential cell counts were performed with a light microscope and the results were expressed as the number (mean ± SEM) of neutrophils per cavity. [25]

Statistical analysis. Statistical analyses were performed using GraphPad Prism (La Jolla, 5 CA). Results are presented as means ± SEM of 2 independent experiments. The "n" in the legends refers to the number of mice used in the experimental group of

each experiment. The differences between the experimental groups were compared by ANOVA (one-way) and individual comparisons were subsequently made with Tukey's post hoc test. The level of significance was set at $P < 0.05$.

RESULTS

S. aureus induces articular mechanical hypernociception, edema and leukocyte recruitment in a dose-dependent manner.

Staphylococcus aureus is the microorganism most frequently associated with bacterial arthritis, [26,27] which results in synovial inflammation, cartilage and bone destruction. [28] The suspension of S. aureus (105-107 CFU [colony forming unities]/10 µL) induced articular mechanical hyperalgesia (pain, detected as decrease of mechanical threshold), edema and leukocyte recruitment in a dose-dependent manner which peaked with 107 CFU/10 µL per joint (Fig.1 A-C). The articular mechanical hyperalgesia and edema was significant from 1 day after injection. The articular mechanical hyperalgesia showed a peak on day 13 and was maintained until day 28, where observed the leukocyte recruitment, showing the interdependence between the pro-nociceptive response (hyperalgesia) and leukocyte migration. A dose 107 CFU/10 µL per joint was chosen for subsequent experiment.

IL-33/ST2 mediates S. aureus-induced articular mechanical hypernociception in mice.

IL-33/ST2 mediates antigen-induced articular hyperalgesia. [7] We therefore investigated the role of this cytokine in articular mechanical hyperalgesia induced by S. aureus. The S. aureus-induced articular mechanical hyperalgesia was significantly reduced in ST2-/- mice compared to WT mice (note that increase of mechanical threshold indicates reduced hyperalgesia) (Fig. 2A), suggesting the involvement of the IL-33/ST2 pathway in septic arthritis hyperalgesia. Interestingly, up to 9 days after infection, WT and ST2-/- mice presented similar responses, and thereafter ST2-/- mice presented reduced hypernociception compared to WT (Fig 2A). This result indicates the possibility that ST2-/- mice respond better to infection, and therefore, presented reduced hypernociception in the chronic phase of septic

arthritis. On the other hand, TNFR1-/- and IL-17R-/- mice showed a significant increase of articular mechanical hyperalgesia compared to WT controls (Fig. 2B-C). This difference was observed since first day of infection, suggesting the development of chronic septic arthritis in these animals more severe than in ST2-/- mice.

IL-33/ST2 mediates S. aureus-induced edema in mice.

Edema is also observed in septic arthritis, [29, 30] therefore, we also evaluated whether IL-33 receptor deficiency would also result in reduction of joint edema or IL-33 role is specific in pain development. The S. aureus induced articular edema was significantly reduced in ST2-/- mice compared to WT control (Fig. 3 A), suggesting the involvement of the IL-33/ST2 pathway in septic arthritis edema. There was an early reduction of edema in ST2-/- mice, which was even more evident in the chronic phase of septic arthritis reaching similar levels of the vehicle control group (Fig 3A). Concerning TNFR1-/- and IL-17R-/- mice, these groups presented a significant increase of articular edema compared with WT control mice, this increase was evident after 9th day on infection and maintained until the end of the period observed (Fig 3B-C). These results might be related to the impaired bacterial elimination in TNFR1-/- and IL-17R-/- mice, indicating a protective and important function of normal TNFα and IL-17 signaling in the development of S. aureus – induced septic arthritis.

IL-33/ST2 mediates S. aureus-induced leukocyte recruitment to the knee joint of mice.

The leukocyte recruitment is observed in the joints with septic arthritis. [31-34] We therefore, determined the association IL-33/ST2 in S. aureus induced-leukocyte recruitment. The intra-articular injection of S. aureus induced reduced total leukocyte, neutrophil and mononuclear cells recruitment to the knee joint of ST2-/- mice compared to WT mice (Fig. 4A). It is unlikely that this reduced inflammation in the chronic phase of septic arthritis has as consequence the reduction of bacterial elimination since TNFR1-/- and IL-17R-/- mice, presented increased total leukocytes, neutrophils and mononuclear cells in the knee joint as

well as hypernociception and edema (Fig 4B-C). As well as in pain, this effect was not observed, suggesting that despite the increased inflammatory response in these animals it perishes not be sufficient to eliminate the infection.

DISCUSSION

Rheumatoid arthritis patients are at particular risk for septic arthritis development, most likely because joint disease predisposes to bacterial joint colonization and the rheumatoid arthritis treatments with corticosteroids, disease-modifying antirheumatic drugs (DMARDs) and biological therapies (i.e. anti-TNF therapies, such infliximab) decrease the immune function required for protection against pathogens. [14,15] Therefore, it is important to search for novel therapies for auto-immune diseases that do not damp the host innate responses predisposing to, for instance, septic arthritis. Here in, it was shown that absence of IL-33 / ST2 signaling ameliorates joint pain, edema and leukocyte recruitment in septic arthritis, and opposing results were observed in TNFR1-/- and IL-17R-/- mice.

The painful joints are a common symptom of septic arthritis [35]. There is interdependence between decrease in the nociceptive threshold (pro-nociceptive response, pain) and the neutrophil migration. [14]. [36-39] Indeed, in this study we observed in Balb/c mice that the increase in the mechanical articular hyperalgesia produced by S. aureus-induced septic arthritis occurs concurrently with an increase in the number of neutrophil that infiltrated the joint, suggesting an association between these two events.

Cytokines are the most important substances involved in the induction of inflammatory events of RA, but are also critical in the protective response against bacterial infection. The current idea is that the IL-33 plays a pivotal role in physiopatology of RA [2, 5-8] and in different models of infection [10, 40]. This hypothesis is supported by studies that have shown that this cytokine mediates neutrophil recruitment in rheumatoid arthritis, [13] and in cecal ligation and puncture-induced sepsis, [10] raising the question as to whether this cytokine plays a pathogenic or protective role in S.aureus induced-septic arthritis. Further supporting this question we have shown that IL-33 mediates inflammation in septic arthritis. The present data demonstrated that ST2-/- mice unlike TNFR1-/- and IL-17R-/- mice, showed a minor articular mechanical hyperalgesia. This result suggests that

abrogation of IL-33/ST2 signaling ameliorates the host response against infection and confirms the important role of TNFα [41] and IL-17 [42] in response to bacterial infections, including S. aureus.

Considering that IL-33 is produced by endothelial cells and can increase in ST2-dependent manner the endothelial cell permeability in vitro. [42] It is conceivable that it could contribute to the regulation of vascular permeability during inflammation, and the resulting edema. This effect could explain involvement of the IL-33/ST2 pathway in septic arthritis edema, since ST2-/- mice showed decrease in joint edema in S. aureus induced- septic arthritis.

The intense leukocyte infiltration is observed in joints with septic arthritis, almost neutrophilic, [37] but has previously demonstrated that cells of acquired immune system, i.e., T and B lymphocytes are presents in S. aureus induced-septic arthritis [31,34]. Moreover, the IL-33 is a potent chemoattractant for neutrophils. [10,13] Additionally, in this study we observed a impairment in the number of leukocytes that infiltrated joints in ST2-/-. This reduction in the cellular recruitment was consistent with the reduction in hyperalgesia since recruited neutrophils can contribute to hyperalgesia by further producing nociceptive mediators. [36-38]

Taken together these results indicate that absence of IL-33/ST2 signaling pathway ameliorates the inflammatory process, that could be a consequence of better host response against infection, unlike TNFR1-/- and IL-17R-/- mice, which presented prolonged inflammatory response that might be related to the impaired bacterial elimination by the host and the presence of TNFα and IL-17-independent mechanisms maintaining an inflammatory response that is not able to eliminate the infection agent. In agreement, TNFR1/2-/-, anti-TNF treated, IL-17R-/- and IL-17A-/- mice do not properly control bacterial infection. [43,44]

Corroborating our data, Wieland et al. (2009) demonstrate that ST2-/- mice display a normal host defense against pulmonary infection with Mycobacterium tuberculosis. Similarly, IL-17 seems dispensable for protection against M. tuberculosis infection. [41] On the other hand, the treatment of patients with monoclonal anti-TNF antibodies has led to increase in incidence of M. tuberculosis induced-infection. [48]

In sepsis is a response characterized by widespread inflammation and multiple organ failure, and the signaling pathway IL-33/ST2 is important to

maintenance of neutrophil recruitment to sites of infection for the clearance of the pathogens. [10] Once at the infectious focus, neutrophils do not need to continue moving because they are already in the site of infection responding to bacteria. They must respond by producing antimicrobial products. In fact, it is logical to suppose that TLRs agonists down-modulate neutrophil trafficking to keep these cells at the site of infection. [49,50] This response may be occurring in septic arthritis and could explain the mechanistic difference between sepsis and septic arthritis (systemic versus local infection). Another explanation for this fact is the presence of IL-4, this cytokine promotes bacterial growth in joints [29] and IL-33 was described to induce Th2-associated cytokines such as IL-4, IL-5 and IL-13. [1]

To mimic the current standard anti-TNF therapy and address the importance of IL-17 [rheumatoid arthritis is a Th17 associated disease and for being a therapy recently suggested (Drug in phase I clinical trials)] [51], it was also addressed the development profile of septic arthritis in TNFR1-/- and IL-17R-/- mice. Opposing to the results observed with ST2-/- mice, an inflammatory response in TNFR1-/- and IL-17R-/- was exacerbated. Therefore, it is likely that anti-IL-33 therapies might be more suitable for rheumatoid arthritis treatment than anti-TNF and anti-IL-17 therapies since would not favor the development of septic arthritis and rather optimize host defense against infection.

ACKNOWLEDGEMENTS

We thank the excellent technical assistance of Jesus A. Vargas, Pedro S. Dionísio Filho and Claci Sandra.

FUNDING

This work was supported by Brazilian grants from Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (Decit/SCTIE), Ministério da Saúde (MS) (Decit/SCTIE/MS), Fundação Araucária, Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), and Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

COMPETING INTERESTS. None.

COPYRIGHT LICENSE STATEMENT

REFERENCES

1 Schmitz J, Owyang A, Oldham E, et al. IL-33, an interleukin-1-like cytokine that signals via the IL-1 receptor-related protein ST2 and induces T helper type 2-associated cytokines. Immunity 2005; 23:479-90.

2 Chackerian AA, Oldham ER, Murphy EE, et al.IL-1 receptor accessory protein and ST2 comprise the IL-33 receptor complex. J. Immunol. 2007; 179: 2551–2555.

3 Ali, S, Huber M, Kollewe C, et al. IL-1 receptor accessory protein is essential for IL-33–induced activation of T lymphocytes and mast cells. Proc. Natl. Acad. Sci. USA 2007, 104: 18660–18665.

4 Coyle AJ, Lloyd C, Tian J, et al.Crucial role of the interleukin 1 receptor family member T1/ST2 in T helper cell type 2–mediated lung mucosal immune responses. J. Exp. Med 1999, 190: 895–902.

5 Löhning M, Stroehmann A, Coyle AJ et al. T1/ST2 is preferentially expressed on murine TH2 cells, independent of interleukin 4, interleukin 5 and interleukin 10,

and important for TH2 effector function. Proc. Natl. Acad. Sci. USA 1998, 95: 6930–6935.

6 Liew FY, Xu D, Brint EK et al. Negative regulation of Toll-like receptor–mediated immune responses. Nat. Rev. Immunol. 2005, 5: 446–458.

7 Verri WA, Jr, Guerrero AT, Fukada SY, et al. IL-33 mediates antigen-induced cutaneous and articular hypernociception in mice. Proc Natl Acad Sci USA 2008; 105:2723-28.

8 Bourgeois E, Van LV, Samson M et al. The pro-Th2 cytokine IL-33 directly interacts with invariant NKT and NK cells to induce IFNγ production. Eur J Immun 2009; 39: 1046-55.

9 Xu D, Jiang HR, Kewin P, et al. IL-33 exacerbates antigen-induced arthritis by activating mast cells. Proc Natl Acad Sci USA 2008; 105:10913-18.

10 Alves-Filho JC, Sônego F, Souto FO et al. Interleukin-33 attenuates sepsis by enhancing neutrophil influx to the site infection. Nat Med 2010; 16:708-12.

11 Xu D, Jiang HR, Li Y et al. IL-33 exacerbates autoantibody-induced arthritis. J Immunol 2010; 184(5): 2620-6.

12 Matsuyama Y, Okazaki H, Tamemoto H, et al. Increased levels of interleukin 33 in sera and synovial fluid from patients with active rheumatoid arthritis. J Rheumatol 2010;37:18–25.

13 Verri WA, Jr, Souto FO, Vieira SM, et al. IL-33 induces neutrophil migration in rheumatoid arthritis and is a target of anti-TNF therapy. Ann Rheum Dis 2010; 9: 1697-703.

14 Mor A, Mitinick HJ, Greene JB et al. Relapsing oligoarticular septic arthritis during etanercept treatment of rheumatoid arthritis. J Clin Rheumatol 2006; 12(2):87-9.

15 Favero M, Schiavon F, Riato L. Rheumatoid arthritis is the major risk factor for septic arthritis in rheumatological settings. Autoimmun Rev 2008; 8 (1):59-61.

16 Henningsson L, Pernilla J, Lindhom C et al. Interleukin-17A during local and systemic Staphylococcus aureus–induced arthritis in mice. Infect Immun 2010; 78(9):3783-90.

17 Goldenberg DL and Reed JJ. Bacterial arthritis. In Text book of Rheumatology 1989, 3rd ed, ed. W.O. Kelly, E.D. Harris, S.Ruddy, and C.B. Sledge, 1567–1585. Philadelphia: The W B Saunders Co.

18 Williams RO, Feldman M, Maini RN. Anti-tumor necrosis factor ameliorates joint disease in murine collagen-induced arthritis. Proc Natl Acad Sci U S A 1992; 89:9784–9788.

19 Peschon JJ, Torrance DS, Stocking KL. TNF receptor-deficient mice reveal divergent roles for p55 and p75 in several models of inflammation. J Immunol 2008; 160: 943–952.

20 Pinto, LG, Cunha TM, Vieira SM et al. IL-17 mediates articular hypernociception in antigen-induced arthritis in mice. Pain 2010; 148 (2): 247-56.

21 Nakae S, Nambu A, Sudo K et al. Suppression of immune induction of collagen-induced arthritis in IL-17-deficient mice. J Immunol 2003; 171:6173-47 6177

22 Kotake S, Udagawa N, Takahashi N et al. IL-17 in synovial fluids from patients with rheumatoid arthritis is a potent stimulator of osteoclastogenesis. J Clin Invest 1999;103:1345–52.

23 Staurengo-Ferrari L; Pelayo J; Casagrande et al. Influence of bacterial suspension storage in the inflammatory response in mice. Afr J Pharm Pharmacol (submitted).

24 Valerio DA, Georgetti, Magro DA et al. Quercetin reduces inflammatory pain: inhibition of oxidative stress and cytokine production 2009; J Nat Prod 72(11): 1975-9.

25 Rocha FA, Leite AK, Pompeu MM, et al. Protective effect of anextract from Ascaris suum in experimental arthritis models. Infect Immun 2008; 76:2736-45.

26 Tarkowski A, Collins LV, Gjertsson I et al. Model systems: modeling human staphylococcal arthritis and sepsis in the mouse. Trends Microbiol 2001; 9:321–6.

27 Tarkowski A, Bokarewa M, Collins LV et al. Current status of pathogenetic mechanisms in staphylococcal arthritis. FEMS Microbiol Lett 2002; 217:125–32.

28 Liu ZQ, Deng GM, Foster S et al. Tarkowski A. Staphylococcal peptidoglycans induce arthritis. Arthritis Res 2001; 3:375–80.

29 Hultgren O,Kopf M, Tarkowski A. Staphylococcus aureus-Induced Septic Arthritis and Septic Death Is Decreased in IL-4-Deficient Mice: Role of IL-4 as Promoter for Bacterial Growth. J Immunol 1998; 160: 5082-5087.

30 Guo Y, Li J, Hagström E et al. Protective Effects of Plasmin(ogen) in a mouse model of Staphylococcus aureus-Induced Arthritis. Arthritis Rheum 2009; 58: 764-772.

31 Abdelnour A, Bremell T, Holmdahl R et al.Expansion of T lymphocytes causes arthritis and mortality in mice infected with toxic shock syndrome toxin-1-producing staphylococci. Eur J Immunol 1994; 24:1161–1166.

32 Bremell T, Lange S, Holmdahl R et al. Immunopathological features of rat Staphylococcus aureus arthritis. Infect Immun 1994; 62:2334–2344.

33 Zhao YX, Abdelnour A, Holmdahl. Mice with the xid B-cell defect are less susceptible to developing Staphylococcus aureus induced arthritis. J Immunol 1995; 155(4):2067-76.

34 O'Meara PM, Bartal E. Septic arthritis: process, etiology, treatment outcome.Orthopedics, 1988; 11:623-628.

35 Cunha TM, Verri WA, Jr, Schivo IR et al. Crucial role of neutrophils in the development of mechanical inflammatory hypernociception. J Leukoc Biol 2008; 83(4):824-32.

36 Guerrero AT, Verri WA, Jr, Cunha TM et al. Involvement of LTB4 in zymosan-induced joint nociception in mice: participation of neutrophils and PGE2. J Leukocyte Biol 2008; 83: 122-30.

37 Ting E, Guerrero AT, Cunha TM et al. Role of complement C5a in mechanical inflammatory hypernociception: potential use of C5a receptor antagonists to control inflammatory pain. Brit J Pharmacol 2008; 153:1043–53.

38 Verri WA, Jr, Cunha TM, Magro DA et al. Targeting endothelin ETA and ETB receptors inhibits antigen-induced neutrophil migration and mechanical hypernociception in mice. N-S Arch Pharmacol 2009; 379: 271-79.

39 Liew, FY; Pitman, NI, McInnes IB. Disease-associated functions of IL-33: the new kid in the IL-1 family. Nat Rev Immunol 2010; 10:103, 2010.

40 Ferrante A, Martin AJ, Bates EJ, et al. Killing of Staphylococcus aureus by tumor necrosis factor-alpha-activated neutrophils. The role of serum opsonins, integrin receptors, respiratory burst, and degranulation. J Immunol 1993; 151:4821-8.

41 Curtis MM, Way SS. Interleukin-17 in host defence against bacterial, mycobacterial and fungal pathogens. Immunology 2009; 126 (2): 177-85.

42 Choi YS, Choi HJ, Min JK et al.Interleukin-33 induces angiogenesis and vascular permeability through ST2/TRAF6-mediated endothelial nitric oxide production. Blood 2009; 114(14):3117

43 Secher T, Vasseur V, Poisson DM et al. Crucial role of TNF receptors 1 and 2 in the control of polymicrobial sepsis. J Immunol 2009; 182(12):7855-64.

44 Freitas A.; Alves-Filho, JC; Victoni, T; Secher, T; Lemos, HP; Sônego F; Cunha FQ; Ryffel B. IL-17 Receptor Signaling Is Required to Control Polymicrobial Sepsis . J Immunol 2009; 182: 7846–7854.

45 Wieland CW, Windt GJW, Florquin S et al. ST2 deficient mice display a normal host defense against pulmonary infection with Mycobacterium tuberculosis. Microbes Infect 2009; 11: 524-530.

46 Aujla SJ, Dubin PJ, Kolls JK. Th17 cells and mucosal host defense. Semin Immunol 2007; 19:377–82.

47 Wolfe F, Michaud K, Anderson J et al. Tuberculosis infection in patients with rheumatoid arthritis and the effect of infliximab therapy. Arthritis Rheum. 2004; 50:372–379.

48 Kobayashi SD, Braughton KR, Whitney AR et al. From the cover: Bacterial pathogens modulate an apoptosis differentiation program in human neutrophils. Proc Natl Acad Sci U S A 2003; 100:10948–10953.

49 Doroshenko T, Chaly Y, Savitskiy V et al. Phagocytosing neutrophils down-regulate the expression of chemokine receptors CXCR1 and CXCR2. Blood 2002; 100:2668–2671.

50 Alves-Filho JC, Freitas A, Souto FO et al. Regulation of chemokine receptor by Toll-like receptor 2 is critical to neutrophil migrationand resistance to polymicrobial sepsis. Proc Natl Acad Sci U S A 2009; 106(10): 4018–4023.

51 Genovese MC, Bosch FV, Roberson SA et al. LY2439821, a humanized anti-interleukin-17 monoclonal antibody, in the treatment of patients with rheumatoid

arthritis: A phase I randomized, double-blind, placebo-controlled, proof-of-concept study. Arthritis Rheum 2010; 62(4):929-39.

52 Kitsis E, Weissmann G. The role of the neutrophil in rheumatoid arthritis. Clin Orthop Relat Res 1991; 63–72

LEGENDS

Figure. 1. Staphylococcus aureus induces septic arthritis and articular inflammation. Staphylococcus aureus (American Type Culture Collection, U.S.A.) number 6336 (105-107 CFU/10 µL) or saline (10 µL) was injected in the femur-tibial joint of Balb/c mice. Mechanical hyperalgesia (A) and edema (B) were evaluated at different time points after inoculation with an electronic pressure meter and caliper, respectively. Total leukocytes, monocuclear cells and neutrophil counts (C) were determined using Newbauer chamber and Rosenfelt stained slices 28 days after bacterial injection. Data are mean ± SEM, n=6 per experiment, representative of 2 separate experiments.* P < 0.05 compared to saline group, # P < 0.05 compared to saline group and 105-106 CFU dose of bacteria (panels A,B) or saline (panel C).

Figure. 2. IL-33 mediates articular hyperalgesia in S. aureus–induced septic arthritis. S. aureus (107 CFU/10 µl) was injected in the femur-tibial joint of Balb/c, C57 (WT) and ST2-/- , TNFR1-/-, IL-17R -/- mice. Control mice (Vehicle) received saline. Mechanical hyperalgesia was determined over 28 days after inoculation with an electronic pressure meter. Data are mean ± SEM, n=6 per experiment, representative of 2 separate experiments. * P < 0.05 compared to saline group (panels A-C), # P < 0.05 compared to WT group (panels A-C).

Figure. 3. ST2 deficiency reduces edema in S. aureus-induced septic arthritis. S. aureus (107 CFU/10 µl) was injected in the femur-tibial joint of of Balb/c, C57 (WT) and ST2-/- , TNFR1-/-, IL-17R -/- mice. Control mice (Vehicle) received saline. Articular edema was evaluated over 28 days after inoculation with a caliper. Data are mean ± SEM, n=6 per experiment, representative of 2 separate experiments. * P < 0.05 compared to saline group (panels A-C), # P < 0.05 compared to WT group (panels A-C).

Figure. 4. IL-33/ST2 mediates leukocyte recruitment in S. aureus-induced septic arthritis. S. aureus (107 CFU/10 µL) was injected in the femur-tibial joint of Balb/c, C57 (WT) and ST2-/- , TNFR1-/-, IL-17R -/- mice. Control mice (Vehicle) received saline. Total leukocytes, neutrophil and mononuclear cells counts were determined using Newbauer chamber and Rosenfeld stained slices 28 days after bacterial injection. Data are means ± SEM (n=6), representative of two independent experiments. * $P < 0.05$ compared to saline group, # $P < 0.05$ compared to WT group.

Figure 1

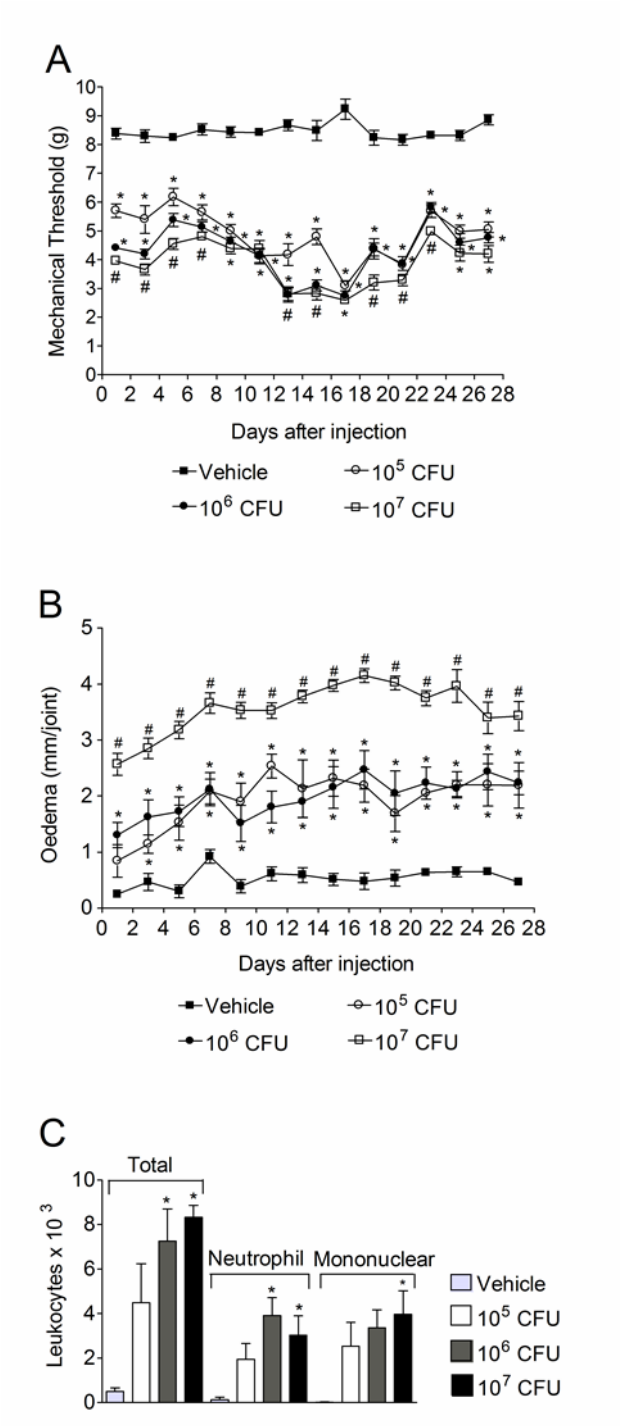

A
Mechanical Threshold (g)
Days after injection
Vehicle
10^5 CFU
10^6 CFU
10^7 CFU
B
Oedema (mm/joint)
Days after injection
Vehicle
10^5 CFU
10^6 CFU
10^7 CFU
C
Leukocytes x 10^3
Total
Neutrophil
Mononuclear
Vehicle
10^5 CFU
10^6 CFU
10^7 CFU

Figure 2

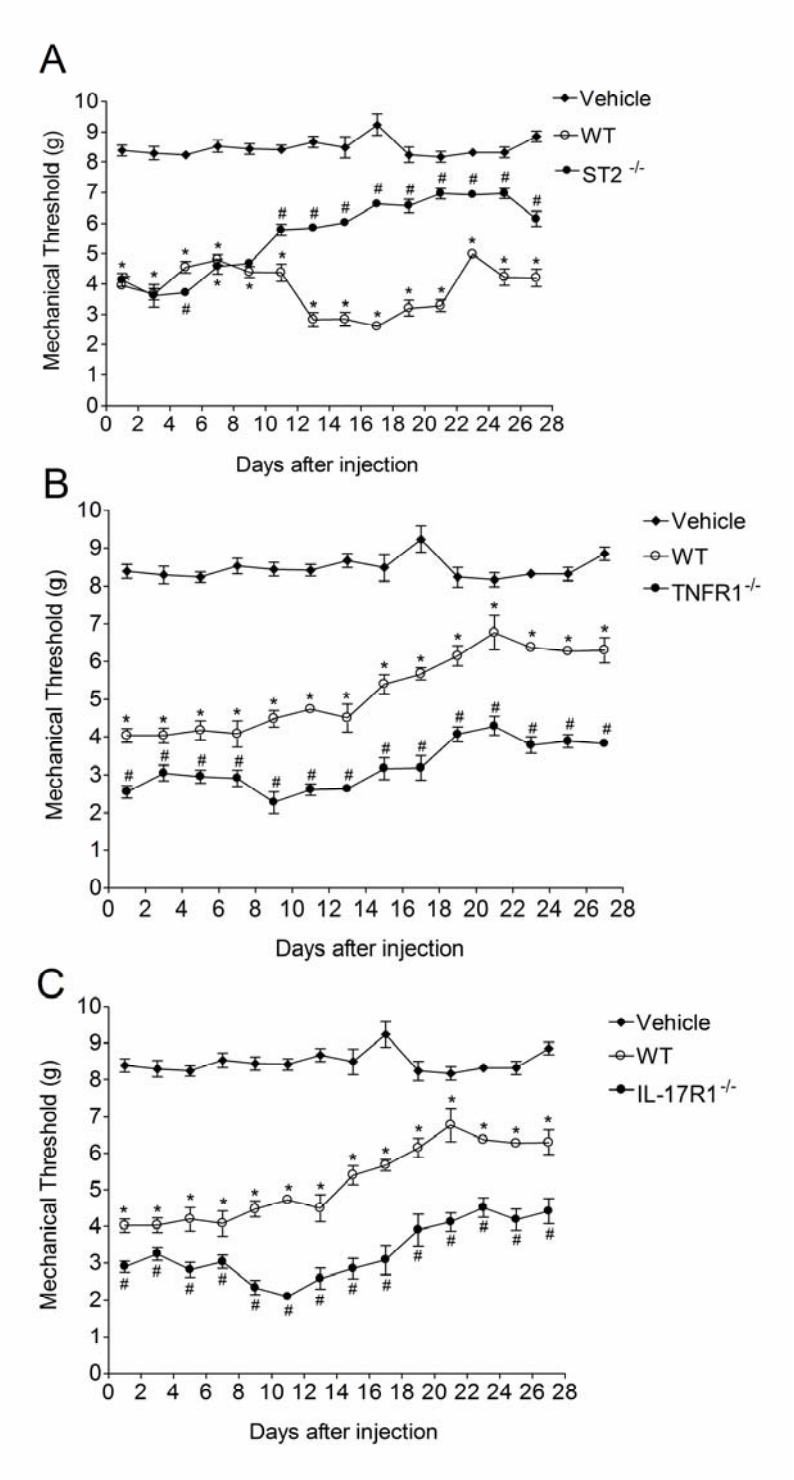

A
Mechanical Threshold (g)
Days after injection
Vehicle
WT
ST2 -/-
B
Mechanical Threshold (g)
Days after injection
Vehicle
WT
TNFR1-/-
C
Mechanical Threshold (g)
Days after injection
Vehicle
WT
IL-17R1-/-

Figure 3

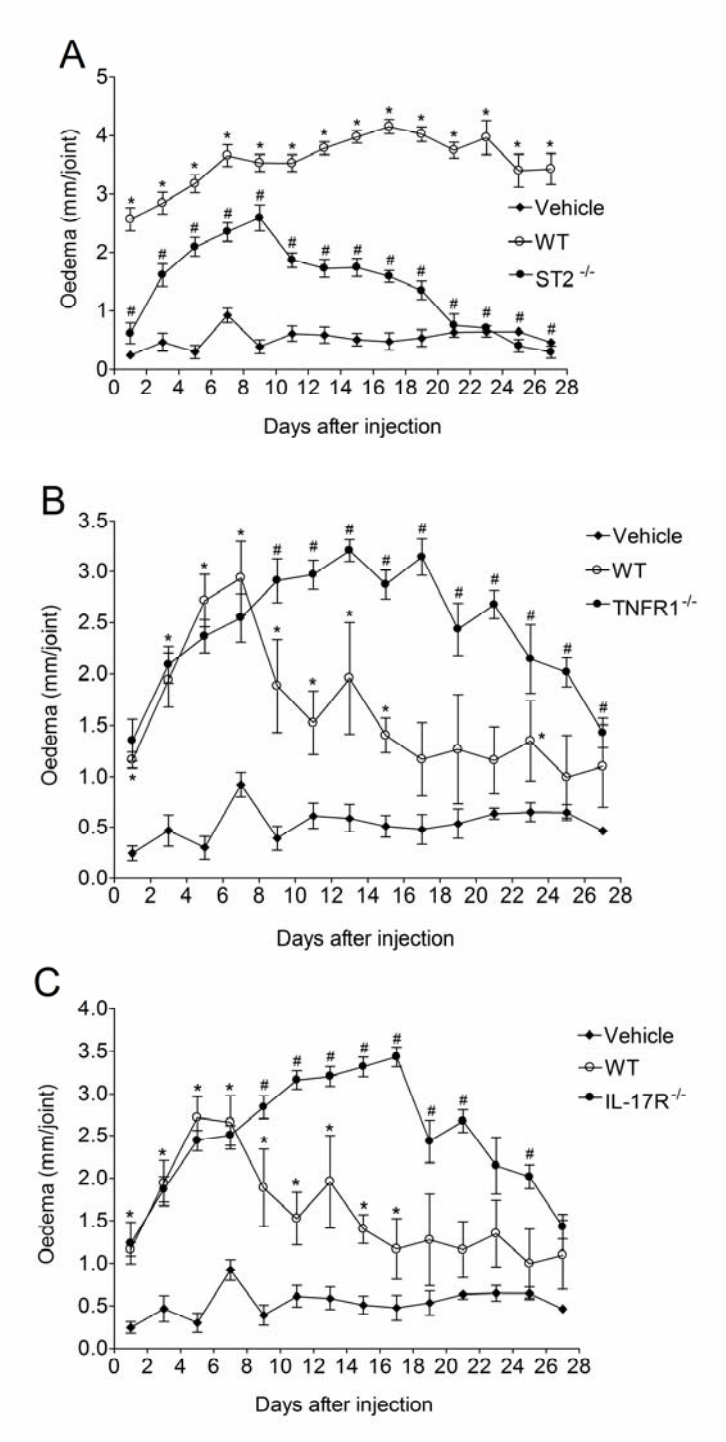
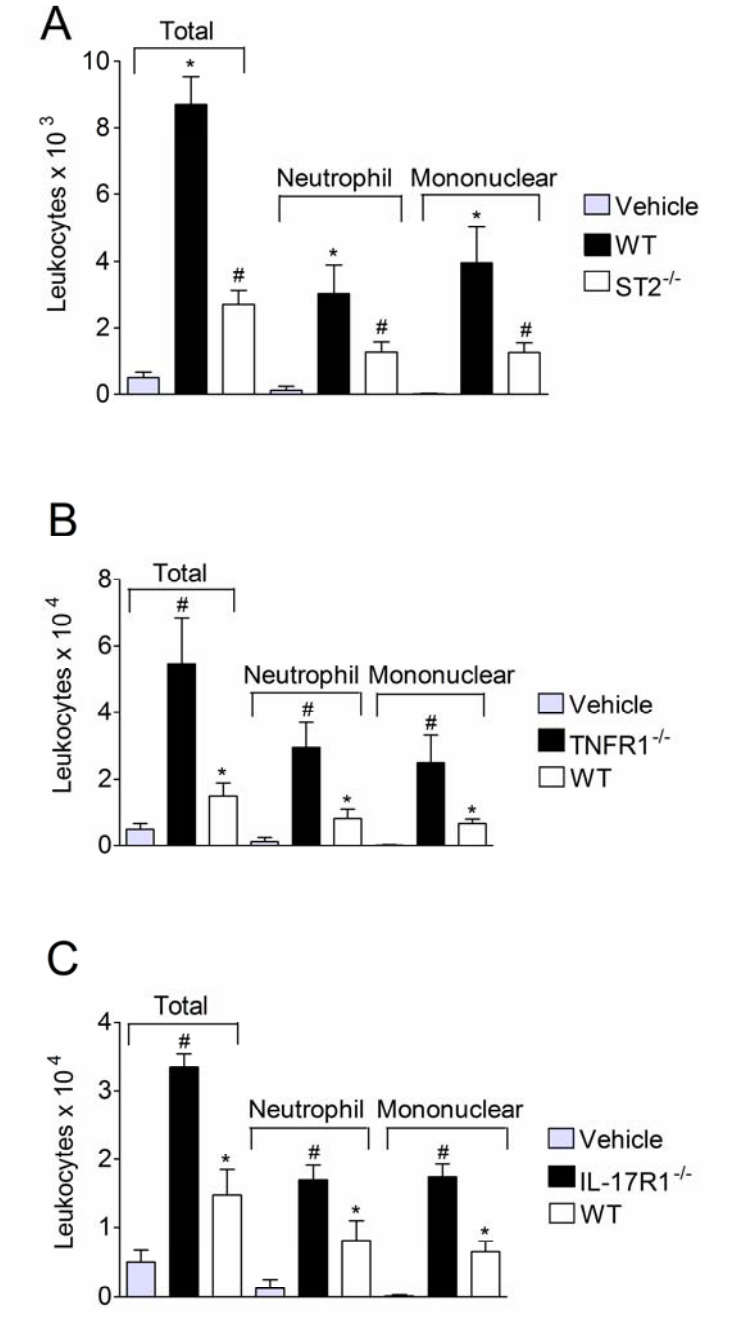

A
Oedema (mm/joint)
Days after injection
Vehicle
WT
ST2 -/-
B
Oedema (mm/joint)
Days after injection
Vehicle
WT
TNFR1 -/-
C
Oedema (mm/joint)
Days after injection
Vehicle
WT
IL-17R -/-

Figure 4


A
Total
Neutrophil
Mononuclear
Leukocytes x 10 3
Vehicle
WT
ST2-/-
B
Total
Neutrophil
Mononuclear
Leukocytes x 10 4
Vehicle
TNFR1-/-
WT
C
Total
Neutrophil
Mononuclear
Leukocytes x 10 4
Vehicle
IL-17R1-/-
WT

7 REFERÊNCIAS

ALVES- FILHO, J.C. et al.Interleukin-33 attenuates sepsis by enhancing neutrophil influx to the site of infection. *Nature Medicine*, New York, v.16, p. 708-12, 2010.

BRENNAN, F.M; MCINNES,I.B. Evidence that cytokines play a role in rheumatoid arthritis. *The Journal of Clinical Investigation*, New Haven, v. 118, n. 11, p. 3537-3545, 2008.

BOISSIER, M.C. Cell and cytokine imbalances in rheumatoid synovitis. *Joint Bone Spine (in press),* 2011.

BOURGEOIS, E et al. The pro-Th2 cytokine IL-33 directly interacts with invariant NKT and NK cells to induce IFN-gamma production. *European Journal of Immunology*, Weinheim, v.39, p. 1046-1055, 2009.

BRINT, E.K. *et al.* ST2 is an inhibitor of interleukin 1 receptor and Toll-like receptor 4 signaling and maintains endotoxin tolerance. *Nature Immunology*, New York, v.5, p. 373–379, 2004.

CARRIERE, V. et al. IL-33, the IL-1-like cytokine ligand for ST2 receptor, is a chromatin-associated nuclear factor in vivo, *Proceedings of National Academy of Sciences of Unitates States of America,* Washington, v. 104, n.1, p. 282-287, 2007.

CAYROL, C., GIRARD, J. P et al. The IL-1-like cytokine IL-33 is inactivated after maturation by caspase-1. *Proceedings of National Academy of Sciences of Unitates States of America,* Washington, v. 106, p. 9021–9026, 2009.

CHACKERIAN A.A. et al. IL-1 Receptor Accessory Protein and ST2 Comprise the IL-33 Receptor Complex. *The Journal of Immunology*, Baltimore, v .179, p. 2551-2555, 2007.

CUNANNE G. et al. Infections and biological therapy in rheumatoids arthritis. *Best practice & research. Clinical rheumatology,* Amsterdam, v. 17, n.2, p. 345-363, 2003.

DAHL, C.A. et al. Identification of a novel gene expressed in activated natural killer cells and T cells**.** *The Journal of Immunology,* Baltimore, v.148, p. 597-603, 1993.

FAVERO, M. Rheumatoid arthritis is the major risk factor for septic arthritis in rheumatological settings. *Autoimmunity Reviews*, New York, v. 8, n. 1, p. 59-61, 2008.

FELDMANN, M. Development of anti-TNF therapy for rheumatoid arthritis. *Nature Reviews Immunology*, London, v.2, n. 5, p. 364-371, 2002.

FONTANA, A. et al. Interleukin-1 activity in the synovial fluid of patients with rheumatoid arthritis. *Rheumatology International*, Berlim, v. 2, p. 49–53, 1982.

FURST, D.E. et al. 2005. Updated consensus statement on biological agents, specifically tumour necrosis factor {alpha} (TNF{alpha}) blocking agents and interleukin-1 receptor antagonist (IL- 1ra), for the treatment of rheumatic diseases. *Annals of Rheumatic Diseases*, London, v. 64, n.4, p. 2-14, 2005.

GJERTISSON, I. et al. Metalloproteinase-7 contributes to joint destruction in Staphylococcus aureus induced arthritis. *Microbial Pathogenesis*, London, v. 38, n.2-3, p. 97-105, 2005.

GRACIE J.A. et al. A proinflammatory role for IL-18 in rheumatoid arthritis. *The Journal of Clinical Investigation*, New Haven, v.104, p. 1393-1401, 1999.

GOLDENBERG, D. L. Septic arthritis. *Lancet,* London*,* v.351, p**.**197–202, 1999.

GOLDENBERG, D.L.; REED, J.I. Bacterial arthritis. *The New England journal of Medicine*, Boston, v. 312, n.12, p. 764-771, 1985.

HAYAKAWA, M. et al*.* Mature interleukin-33 is produced by calpain-mediated cleavage *in vivo*. *Biochemical and Biophysical Research Communication,* New York, v*.* 387, p. 218–222, 2009.

HARRIS JR, E.D. Rheumatoid arthritis. Pathophysiology and implications for therapy. *The New England Journal of Medicine*, Massachusetts, v.322, p. 1277–89, 1990.

HEINEGARD D.; LORENZO P.; SAXNE, T. Noncollagenous proteins; glycoproteins and related proteins. In: SEIBEL M. J., ROBINS SP, BILEZIKIAN JP (Eds). Dynamics of Bone, Cartilage Metabolism. New York: Academic Press, 1999, p. 59–69.

HERSHFIELD, M.S. Treating gout with pegloticase, a PEGylated urate oxidase, provides insight into the importance of uric acid as an antioxidant in vivo. *Proceedings of National Academy of Sciences of Unitates States of America,* Washington, p. 107, v. 32, 2010.

HULTGREN, O. et al. TNF/lymphotoxin-alpha double-mutant mice resist septic arthritis but display increased mortality in response to *Staphylococcus aureus*. *The Journal of Immunology*, Baltimore, v. 161, n.11, p. 5937-5942.

JOOSTEN, L.A. et al. IL-32, a proinflammatory cytokine in rheumatoid arthritis. *Proceedings of National Academy of Sciences of Unitates States of America.* Washington, v.103, p. 3298–3303, 2006.

JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchôa; CARNEIRO, José. Tecido Ósseo. In: _____. Histologia Básica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004.p.151-153.

KIM, J.H. et al. The mechanism of osteoclast differentiation induced by IL-1. *The Journal of Immunology*, Baltimore, v. 183, n.3, p. 1862-1870, 2009.

KIM, K.N. Treatment of juvenile arthritis. *Korean Journal Pediatrics*, Soul, v. 52, n. 11, p. 936-941, 2010.

KIM, S.H. et al. Interleukin-32: a cytokine and inducer of TNF-α**.** *Immunity,* Cambridge, v*.* 22, p. 131-142, 2005.

KILLINGSWORTH, L. Clinical applications of Protein Determinations in biological fluids other than blood. *Clinical Chemistry*, Washington, v. 28, n. 5, p. 1093-102, 1982.

KOLLS, J.K.; LINDEN, A. Interleukin-17 family members and inflammation. *Immunity*, Cambridge, v. 4, p. 467-476, 2004.

KOTAKE S. et al.IL-17 in synovial fluids from patients with rheumatoid arthritis is a potent stimulator of osteoclastogenesis. *The Journal of Clinical Investigation*, New Haven, v. 103, n.9, n. 1345-1352, 1999.

KRENN, V. et al. Molecular IgV (H) analysis demonstrates highly somatic mutated B cells in synovialitis of osteoarthritis: a degenerative disease is associated with a specific, not locally generated immune response. *Laboratory Investigation*, New York, v. 79, p.1377–84, 1999.

KROESEN, S. et al. Serious bacterial infections in patients with rheumatoid arthritis under anti-TNF-alpha therapy. *Rheumatology*, Oxford, v. 42, n.5, p. 617-621, 2003.

LANGRISH C.L. et al. IL-23 drives a pathogenic T cell population that induces autoimmune inflammation. *The Journal of Experimental Medicine,* New York, v. 201, p. 233–240, 1999.

LEUNG, B.P. et al. A novel therapy of murine collagen-induced arthritis with soluble T1/ST2. *The Journal of Immunology*, Baltimore, v. 173, n. 1, p. 145-150, 2004.

LIEW, F.Y et al. Negative regulation of Toll-like receptor mediated immune responses. *Nature Reviews Immunology*, London, v. 5, p.446-458, 2005.

LIEW, F.Y. et al. Disease-associated functions of IL-33: the new kid in the IL-1 family. *Nature Reviews Immunology*, London, v.10, p. 103-10, 2010.

LUTHI, A. U. et al. Suppression of interleukin-33 bioactivity through proteolysis by apoptotic caspases. *Immunity,* Cambridge, v. 31, p. 84–98, 2009.

MA, L. et al. Acute monoarthritis: what is the cause of my patient's painful swollen joint? *Canadian Medical Association Journal*, Ottawa, v. 180, n.1, p. 59-65, 2009.

MAITRA, A.; ABBAS, A. K. Bones, Joints and Soft Tissue Tumors. In: KUMAR, V.; FAUSTO, N.; ABBAS, A. (Eds.). *Robbins and Cotran*: pathologic basis of disease. 7th ed. Philadelphia: Elsevier, 2005, p.1371-1374.

MARTINON, F. et al. Gout-associated uric acid crystals activate the NALP3 inflammasome. *Nature*, London, v. 440, p. 237-241.

MILLER, A.M. et al. IL-33 reduces the development of atherosclerosis. *The Journal of Experimental Medicine*, New York, v. 8, n. 2, p. 339-356, 2008.

MILLER, M.C. Membrane type 1 matrix metalloproteinase is a crucial promoter of synovial invasion in human rheumatoid arthritis. *Arthritis & Rheumatism*, Atlanta, v. 60, n.3, p. 686-697, 2009.

MOR, A. et al. Relapsing oligoarticular septic arthritis during etanercept treatment of rheumatoid arthritis. *The journal of clinical rheumatology*, Baltimore, v. 12, n.2, p. 87-89, 2006.

NAKAE, S. et al. IL-17 production from activated T cells is required for the spontaneous development of destructive arthritis in mice deficient in IL-1 receptor antagonist. *Proceedings of National Academy of Sciences of Unitates States of America,* Washington, v. 100, p. 5986-5990, 2003.

OBOKI, K. et al. IL-33 and IL-33 receptors in host defense and diseases.*Allergology international : official journal of the Japanese Society of Allergology,* Tokyo, v. 59, n. 2, p. 142-160, 2010.

PALMER, G. et al. Inhibition of interleukin-33 signaling attenuates the severity of experimental arthritis. *Arthritis & Rheumatism*, Atlanta, v. 60, n. 3, p. 738-749, 2009.

PINTO, L.G et al. IL-17 mediates articular hypernociception I antegin-induces arthritis in mice. *Pain*, Amsterdam, v. 148, n.2, p. 247-256, 2009.

PLATER-ZYBERK, C. et al. Therapeutic effect of neutralizing endogenous IL-18 activity in the collagen-induced model of arthritis. *The Journal of Clinical Investigation*, New Haven, v. 108, p.1825–1832, 2001.

POOLE, A.R. An introduction to the pathophysiology of osteoarthritis. *Frontiers in Bioscience*, New York, v. 4, p. 662–670, 1999.

REVELL, P.A. et al. The synovial membrane in osteoarthritis: a histological study including the characterization of the cellular infiltrate present in inflammatory osteoarthritis using monoclonal antibodies. *Annals of Rheumatic Diseases*, London, v. 47, p.300-307, 1988.

ROMERO-SÁNCHEZ, C. et al. Biomarkers for spondyloarthropathies. State of the art. *Revista médica de Chile*, Chile, v. 138, n. 9, p. 1179-1185, 2010.

SANADA, S. et al. IL-33 and ST2 comprise a critical biomechanically induced and cardioprotective signaling system. *The Journal of Clinical Investigation*, New Haven, v. 117, p. 1538-1549, 2007.

SCHMITZ J. et al. IL-33, an interleukin-1-like cytokine that signals via the IL-1 receptor-related protein ST2 and induces T helper type 2- associated cytokines. *Immunity,* Cambridge, v. 23, p. 479-90, 2005.

SCHEDEL, J. et al. Differential adherence of osteoarthritis and rheumatoid arthritis synovial fibroblasts to cartilage and bone matrix proteins and its implication for osteoarthritis pathogenesis. *Scandinavian Journal of Immunology*, Oslo, v. 60, n.5, p.514-523, 1004.

SILVA, José Antônio Pereira da. Fisiopatologia da dor reumática.In:_____. Reumatologia Prática. 2ª ed, Coimbra: Diagnosteo Lda. 2005. p. 32-36.

SMITHGALL, M.D. et al. IL-33 amplifies both Th1- and Th2-type responses through its activity on human basophils, allergen-reactive Th2 cells, iNKT and NK cells. *International Immunology*, Oxford, v. 20, n. 8, p. 1019-1030, 2008.

SO, A. Developments in the scientific and clinical understanding of gout. *Arthritis Rsearch & Therapy*, London, v. 10, n.5, p. 1-6 2008.

TAK, P.P. et al. Bacchi, M., and Bertolino, M. 2006. Pharmacokinetics of IL-18 binding protein in healthy volunteers and subjects with rheumatoid arthritis or plaque psoriasis. *European Journal of Drug Metabolism and Pharmacokinetic,* Paris, v. 31, p.109–116, 2006.

TARKOWSKI A. et al. Model systems: modeling human staphylococcal arthritis and sepsis in the mouse. *Trends in Microbiology*, v. 9, p. 321–326, 2001.

TARKOWSKI A. et al. Current status of pathogenetic mechanisms in staphylococcal arthritis. *FEMS Microbiology Letters*, v. 217, p.125–32, 2002.

THOMASSEN, E. et al. Role of cell type-specific promoters in the developmental regulation of T1, an interleukin 1 receptor homologue. *Cell Growth & Differentiation*, Birmingham*,* v. 6, p.179–184, 1995.

VAROGA, D et al. TLR2-mediated induction o of vascular endothelial growth factor (VEGF) in cartilage in septic joint disease. The Journal of Pathology, v. 210, n.3, p. 315-324, 2006.

VERRI JÚNIOR, W.A. et al.IL-33 mediates antigen-induced cutaneous and articular hypernociception in mice**.** *Proceedings of National Academy of Sciences of Unitates States of America.* Washington, v. 105: 2723-8, 2008.

VERRI JÚNIOR, W.A. et al. IL-33 induces neutrophil migration in rheumatoid arthritis and is a target of anti-TNF therapy. *Annals of Rheumatic Diseases*, London, v. 9, p. 1697-703, 2010.

VICENTI, Matthew; BRINCKERHOFF, Constance. Transcriptional regulation of collagenase (MMP-1, MMP-13) genes in arthritis: integration of complex signaling pathways for the recruitment of gene-specific transcription factors. *Arthritis research*, London, v. 4, p. 157-164, 2002.

WEI, X.Q. et al. Reduced incidence and severity of collagen-induced arthritis in mice lacking IL-18. *The Journal of Immunology*, Baltimore, v. 166, p. 517–521, 2001.

YANAGISAWA, K. et al. Presence of a novel primary response gene ST2L, encoding a product highly similar to the interleukin 1 receptor type 1. *FEBS Letters*, Heidelberg, v. 318, p. 83–87, 1993.

YAGO, T et al. IL-17 induces osteoclastogenesis from human monocytes alone in the absence of osteoblasts, which is potently inhibited by anti-TNF-alpha antibody: a novel mechanism of osteoclastogenesis by IL-17. *Journal of cellular biochemistry,* New York, v. 108, n.4, p. 947-955, 2009.

XU D. et al.IL-33 exacerbates antigen-induced arthritis by activating mast cells. *Proceedings of National Academy of Sciences of Unitates States of America,* Washington, v. 105, p. 10913- 10918, 2008.

XU, D. et al. Selective expression of a stable cell surface molecule on type 2 but not type 1 helper T cells.*The Journal of Experimental Medicine*, New York, v. 187, p. 787–794, 1998.

ZHANG, Q. et al. A critical role of Cyr61 in interleukin-17-dependent proliferation of fibroblast-like synoviocytes in rheumatoid arthritis. *Arthritis & Rheumatism*, Atlanta, v. 60, n.12, p. 3602-36012, 2009.

ZOCHLING, J. et al. ASAS/EULAR recommendations for the management of ankylosing spondylitis. *Annals of Rheumatic diseases*, London, v. 65, p. 442-52, 2006.

8 ANEXOS

ANEXO A

INSTRUCTIONS FOR AUTHORS

The **African Journal of Pharmacy and Pharmacology (AJPP)** is an open access journal that provides rapid publication (monthly) of articles in all areas of Pharmaceutical Science. The Journal welcomes the submission of manuscripts that meet the general criteria of significance and scientific excellence. Papers will be published approximately one month after acceptance. Electronic submission of manuscripts is strongly encouraged, provided that the text, tables, and figures are included in a single Microsoft Word file (preferably in Arial font).

Submit manuscripts as e-mail attachment to the Editorial Office at: ajpp@academicjournals.org, ajpp.academicjournals@gmail.com. A manuscript number will be mailed to the corresponding author same day or within 72 hours. The cover letter should include the corresponding author's full address and telephone/fax numbers and should be in an e-mail message sent to the Editor, with the file, whose name should begin with the first author's surname, as an attachment. The authors may also suggest two to four reviewers for the manuscript (AJPP may designate other reviewers).

The **African Journal of Pharmacy and Pharmacology** will only accept manuscripts submitted as **e-mail** attachments.

Article Types

Three types of manuscripts may be submitted:

Regular articles: These should describe new and carefully confirmed findings, and experimental procedures should be given in sufficient detail for others to verify the work. The length of a full paper should be the minimum required to describe and interpret the work clearly.

Short Communications: A Short Communication is suitable for recording the results of complete small investigations or giving details of new models or hypotheses, innovative methods, techniques or apparatus. The style of main sections need not

conform to that of full-length papers. Short communications are 2 to 4 printed pages (about 6 to 12 manuscript pages) in length.

Reviews: Submissions of reviews and perspectives covering topics of current interest are welcome and encouraged. Reviews should be concise and no longer than 4-6 printed pages (about 12 to 18 manuscript pages). Reviews are also peer-reviewed.

Review Process. All manuscripts are reviewed by an editor and members of the Editorial Board or qualified outside reviewers. Decisions will be made as rapidly as possible, and the journal strives to return reviewers' comments to authors within 3 weeks. The editorial board will re-review manuscripts that are accepted pending revision. It is the goal of the AJPP to publish manuscripts within 8 weeks after submission.

Regular articles. All portions of the manuscript must be typed double-spaced and all pages numbered starting from the title page.

The Title should be a brief phrase describing the contents of the paper. The Title Page should include the authors' full names and affiliations, the name of the corresponding author along with phone, fax and E-mail information. Present Addresses of authors should appear as a footnote.

The Abstract should be informative and completely self-explanatory, briefly present the topic, state the scope of the experiments, indicate significant data, and point out major findings and conclusions. The Abstract should be 100 to 200 words in length. Complete sentences, active verbs, and the third person should be used, and the abstract should be written in the past tense. Standard nomenclature should be used and abbreviations should be avoided. No literature should be cited.

Following the abstract, about 3 to 10 key words that will provide indexing The *Acknowledgments* of people, grants, funds, etc should be brief. *Tables* should be kept to a minimum and be designed to be as simple as possible. Tables are to be typed double-spaced throughout, including headings and footnotes.

Each table should be on a separate page, numbered consecutively in Arabic numerals and supplied with a heading and a legend. Tables should be self-explanatory without reference to the text. The details of the methods used in the experiments should preferably be described in the legend instead of in the text. The same data should not be presented in both table and graph form or repeated in the text.

Figure legends should be typed in numerical order on a separate sheet. *Graphics* should be prepared using applications capable of generating high resolution GIF, TIFF, JPEG or Powerpoint before pasting in the Microsoft Word manuscript file. *Tables* should be prepared in Microsoft Word. Use Arabic numerals to designate figures and upper case letters for their parts (Figure 1). Begin each legend with a title and include sufficient description so that the figure is understandable without reading the text of the manuscript. Information
given in legends should not be repeated in the text.

References: In the text, a reference identified by means of an author‘s name should be followed by the date of the reference in parentheses. When there are more than two authors, only the first author‘s name should be mentioned, followed by ’et al‘. In the event that an author cited has had two or more works published during the same year, the reference, both in the text and in the reference list, should be identified by a lower case letter like ’a‘ and ’b‘ after the
date to distinguish the works.

Examples:
Cole (2000), Steddy et al. (2003), (Kelebeni, 1983), (Bane and Jake, 1992), (Chege, 1998; Cohen, 1987a,b; Tristan, 1993,1995), (Kumasi et al., 2001)
References should be listed at the end of the paper in alphabetical order. Articles in preparation or articles submitted for publication, unpublished observations, personal communications, etc. should not be included in the reference list but should only be mentioned in the article text (e.g., A. Kingori, University of Nairobi, Kenya, personal communication). Journal names are abbreviated according to Chemical Abstracts. Authors are fully responsible for the accuracy of the references.
Examples:

Ansell J, Hirsh J, Poller L (2004). The pharmacology and management of the vitamin K antagonists: the Seventh ACCP Conference on Antithrombotic and Thrombolytic. Therapy. 126:204-233

Ansell JE, Buttaro ML, Thomas VO (1997). Consensus guidelines for coordinated outpatient oral anticoagulation therapy management. Ann Pharmacother 31 : 604-615.

Charnley AK (1992). Mechanisms of fungal pathogenesis in insects with particular reference to locusts. In: Lomer CJ, Prior C (eds) Pharmaceutical Controls of Locusts and Grasshoppers: Proceedings of an international workshop held at Cotonou, Benin. Oxford: CAB International pp 181-190.

Jake OO (2002).Pharmaceutical Interactions between Striga hermonthica (Del.) Benth. and fluorescent **rhizospehere** bacteria Of Zea mays, L. and Sorghum bicolor L. Moench for Striga suicidal germination In Vigna unguiculata . PhD dissertation, Tehran University, Iran.

Mundree SG, Farrant JM (2000). Some physiological and molecular insights into the mechanisms of desiccation tolerance in the resurrection plant Xerophyta viscasa Baker. In Cherry et al. (eds) Plant tolerance to abiotic stresses in Agriculture: Role of Genetic Engineering, Kluwer Academic Publishers, Netherlands, pp 201-222;

Furmaga EM (1993). Pharmacist management of a hyperlipidemia clinic. Am. J. Hosp. Pharm. 50: 91-95.

Witt DM, Sadler MA, Shanahan, RL (2005) Effect of a centralized clinical pharmacy anticoagulation service on the outcomes of anticoagulation therapy. *Chest* 127:1515-1522

Short Communications: Short Communications are limited to a maximum of two figures and one table. They should present a complete study that is more limited in scope than is found in full-length papers. The items of manuscript preparation listed above apply to Short Communications with the following differences: (1) Abstracts are limited to 100 words; (2) instead of a separate Materials and Methods section, experimental procedures may be incorporated into Figure Legends and Table footnotes; (3) Results and Discussion should be combined into a single section.

Proofs and Reprints: Electronic proofs will be sent (e-mail attachment) to the corresponding author as a PDF file. Page proofs are considered to be the final version of the manuscript. With the exception of typographical or minor clerical errors, no changes will be made in the manuscript at the proof stage. Because AJPP will be published freely online to attract a wide audience), authors will have free electronic access to the full text (in both HTML and PDF) of the article. Authors can freely download the PDF file from which they can print unlimited copies of their articles.

Copyright: Submission of a manuscript implies: that the work described has not been published before (except in the form of an abstract or as part of a published lecture, or thesis) that it is not under consideration for publication elsewhere; that if and when the manuscript is accepted for publication, the authors agree to automatic transfer of

The copyright to the publisher.

Fees and Charges: Authors are required to pay a $600 handling fee. Publication of an article in the African Journal of Pharmacy and Pharmacology is not contingent upon the author's ability to pay the charges. Neither is acceptance to pay the handling fee a guarantee that the paper will be accepted for publication. Authors may still request (in advance) that the editorial office waive some of the handling fee under special circumstances.

ANEXO B

ABOUT ANNALS OF THE RHEUMATIC DISEASES

Annals of the Rheumatic Diseases (ARD) is an international peer review journal committed to promoting the highest standards of scientific exchange and education. It covers all aspects of rheumatology, which includes the spectrum of musculoskeletal conditions, arthritic disease, and connective tissue disorders. ARD publishes basic, clinical, and translational scientific research. Concise scientific communication is encouraged and peer reviewed proceedings of international meetings are featured. Educational papers include state of the art reviews, "how to" articles and educational cases that focus on problems faced in clinical practice. The journal was first published in 1939 and has an authorative global Editorial Board and a growing international readership.

INSTRUCTIONS FOR AUTHORS

ALL MANUSCRIPTS MUST BE SUBMITED VIA BENCH PRESS.

All material submitted is assumed to be submitted exclusively to the journal unless the contrary is stated. Submissions may be returned to the author for amendment if presented in the incorrect format.

If you are submitting a randomized controlled trial, please send with your manuscript the following: The registration number of the trial and the name of the trial registry - in the last line of the paper's structured abstract. Trials that begin enrolment of patients after 1 July 2005 must register in a public trials registry at or before the onset of enrolment to be considered for publication. Trials that began patient enrolment on or before 1 July 2005 must register before 13 September 2005 to be considered for publication. Please see the Statement from the International Committee of Medical Journal Editors.

Cover letter

Your cover letter should inform the Editor of any special considerations regarding your submission, including but not limited to:

1. Details of related papers published or submitted for publication.

- Copies of related papers should be submitted as supplementary data to help the Editor decide how to handle the matter.

2. Details of previous reviews of the submitted article.

- The previous Editor's and reviewers' comments should be submitted as supplementary data along with your responses to those comments. Editors encourage authors to submit these previous communications and doing so may expedite the review process.

Whether any of the material could be published as data supplements rather than in the print version of the article.

Title page

The title page must contain the following information:

1.The title;

2.The name, postal address, e-mail, telephone and fax numbers of the corresponding author;

3. The full names, institutions, city and country of all co-authors.

4. Up to five keywords or phrases suitable for use in an index (it is recommended to use Mesh terms).

5. Word count - excluding title page, abstract, references, figures and tables.

Manuscript format

The manuscript format must be presented in the following order:

1. Title page;

2. Abstract (or summary for case reports);

3. Main text (tables should be in the same format as your article and embedded into the document where the table should be cited; images must be uploaded as separate files).

4. Acknowledgments, competing interests, funding

5. Copyright license statement

6. References

7. Appendices

Do not use the automatic formatting features of your word processor such as endnotes, footnotes, headers, footers, boxes, etc.

Provide appropriate headings and subheadings as in the journal. We use the following hierarchy: **BOLD CAPS, bold lower case**, Plain Text, *Italics*. Cite illustrations in numerical order (fig 1, fig 2 etc) as they are first mentioned in the text.

Tables should be in the same format as your article and embedded into the document where the table should be cited.

Images **must not** be embedded in the text file but submitted as individual files (view further details in File Formats.)

Filenaming convention

Where possible, please name your manuscript and image files as shown below. (Please note: the manuscript ID # appears at the top of each submission page as soon as you start your submission; author refers to the corresponding author's last name).

1. Your manuscript file should be named as: yr_manuscript_id number_author (for example: 2005_001234_clark).

2. Your image file should be named as: yr_manuscript id number_F# (for example: 2005_001234_F1)

Statistics

Statistical analyses must explain the methods used. Guideline on presenting statistics. Guidelines on RCTs: CONSORT, QUORUM, MOOSE, STARD, and Economic submissions.

Style

Abbreviations and symbols must be standard and SI units used throughout except for blood pressure values which are reported in mm Hg. Whenever possible, drugs should be given their approved generic name. Where a proprietary (brand) name is used, it should begin with a capital letter. Acronyms should be used sparingly and fully explained when first used. View more detailed style guidelines.

Figures/illustrations

Black and white images should be saved and supplied as **GIF, TIFF, EPS or JPEG** files, at a **minimum resolution of 300 dpi** and an image size of 9 cm across for single column format and 18.5 cm for double column format.

Colour images should be saved and supplied as **GIF, TIFF, EPS or JPEG** files, to a **minimum resolution of 600 dpi** at an image size of 9 cm across for single column format and 18.5 cm for double column format.
Images should be mentioned in the text and figure legends should be listed at the end of the manuscript.

During submission, when you upload the figure files please label them as Figure 1, Figure 2, etc. The file label will not appear in the pdf but the order in which the figures uploaded should be sufficient to link them to the correct figure legend for identification.

We can accept multi-page Powerpoint files. Alternatively, Powerpoint files can be saved as JPEG files and submitted as a standard image file.

Histograms should be presented in a simple, two-dimensional format, with no background grid.

Please note: Do not submit colour figures unless you are willing to pay the cost of publishing your figures in colour. If you do not wish to pay the colour charges please submit your figures in black and white.

The journal charges authors for the cost of reproducing colour images on all unsolicited articles. This charge is heavily subsidised by the journal and covers origination costs only. If an image is supplied as a **composite figure** that contains numerous parts (for example, fig 1A-D), the image will be considered as a single image, provided that all the parts are supplied within a single file that prints out at an overall size no larger than A4 (210 mm x 297 mm). The charge for **colour** processing will be **£100 + VAT** for the figure. Multi-part colour images supplied as **separate files will be charged at £100 + VAT for each file**. The charge only applies to images accepted for print publication and not online only or data supplement files.

Care should be taken in planning composites because combining different images with widely varying colours can lead to contamination or loss of colour and poor quality results. When submitting your manuscript, please ensure to include a name and address where the invoice should be sent for the colour reproduction costs. If an address is not included, the invoice will be sent to the corresponding author.

Unacceptable file formats

Any file using OLE (Object Linking and Embedding) technology to display information or embed files, Bitmap (.bmp), PICT (.pict), Photoshop (.psd), Canvas (.cnv), CorelDRAW (.cdr); Excel (.xls); and locked or encrypted PDFs are not acceptable.

Tables

Tables should be submitted in the same format as your article and embedded into the document where the table should be cited. Please note: Bench>Press **cannot**

accept Excel files. If your table(s) are in Excel, copy and paste them into the manuscript file. In extreme circumstances, Excel files can be uploaded as supplementary files; however, we advise against this as they will not be acceptable if your article is accepted for publication.
Tables should be self-explanatory and the data they contain must not be duplicated in the text or figures.

References

Authors are responsible for the accuracy of references cited: these should be checked against the original documents before the paper is submitted. It is vital that the references are styled correctly so that they may be hyperlinked.

In the text: References must be numbered sequentially as they appear in the text. References cited in figures or tables (or in their legends and footnotes) should be numbered according to the place in the text where that table or figure is first cited. Reference numbers in the text must be given in square brackets immediately after punctuation (with no word spacing) - for example, .[6] not [6].

Where more than one reference is cited, separate by a comma - for example, [1, 4, 39]. For sequences of consecutive numbers, give the first and last number of the sequence separated by a hyphen - for example, [22-25]. References provided in this format are translated during the production process to superscript type, which act as hyperlinks from the text to the quoted references in electronic forms of the article.

In the reference list: References must be double spaced (numbered consecutively in the order in which they are mentioned in the text) in the [slightly modified] Vancouver style. Only papers published or in press should be included in the reference list. (Personal communications or unpublished data must be cited in parentheses in the text with the name(s) of the source(s) and the year. Authors should get permission from the source to cite unpublished data.)

Punctuation of references must follow the [slightly modified] Vancouver style:
12 Surname AB, Surname CD. Article title. Journal abbreviation. Year;Vol:Start page-End page.

Use one space only between words up to the year and then no spaces. The journal title should be in italic and abbreviated according to the style of Medline. If the journal is not listed in Medline then it should be written out in full. Check journal abbreviations using Pubmed.

List the names and initials of all authors if there are 3 or fewer; otherwise list the first 3 and add et al.

Example references:

Journal

13 Koziol-Mclain J, Brand D, Morgan D, et al. Measuring injury risk factors: question reliability in a statewide sample. Inj Prev 2000;6:148-50.

Chapter in book

14 Nagin D. General deterrence: a review of the empirical evidence. In: Blumstein A, Cohen J, Nagin D, eds. Deterrence and incapacitation: estimating the effects of criminal sanctions on crime rates. Washington, DC: National Academy of Sciences 1978: 95-139.

Book

(personal author or authors) (all book references should have specific page numbers)
15 Howland J. Social norms and drunk driving countermeasures. In Graham JD, ed. Preventing automobile injury: new findings from evaluative research. Dover, MA: Auburn House Publishing Company 1988:163-96.

Abstract/supplement

16 Roxburgh J, Cooke RA, Deverall P, et al. Haemodynamic function of the carbomedics bileaflet prosthesis [abstract]. Br Heart J 1995;73 (suppl 2):P37.

Eletronic citations

Basically, websites are referenced with their URL and access date, and as much other information is given as is available. Access date is important as websites can be updated and URLs change. The "date accessed" can be later than the acceptance

date of the paper, and it can be just the month accessed. See the 9th edition of the AMA Manual of Style for further examples, electronic journal articles:

Morse SS. Factors in the emergency of infectious diseases. Emerg Infect Dis 1995 Jan-Mar;1(1). www.cdc.gov/nciod/EID/vol1no1/morse.htm (accessed 5 Jun1998).

Use as much information as the author gives. The volume/number information in the URL will take the user to the start of the individual document; ask the author to supply or confirm. Also ask authors to supply the date they accessed the file.

Online First

Each Online First article has a unique Digital Object Identifier (DOI). This should all be included in all citations.

BEFORE the article has appeared in an issue. Use the citation format:

Sabin MA, Ford AL, Holly JMP, Hunt LP, Crowne EC, Shield JPH. Characterisation of morbidity in a UK, hospital based, obesity clinic. Arch Dis Child. Published Online First: 24 October 2005. doi:10.1136/adc.2005.083485

Eletronic Letters

Author. Title of letter. Journal name Online [eLetter] Date of publication. url eg: Krishnamoorthy KM, Dash PK. Novel approach to transseptal puncture. Heart Online [eLetter] 18 September 2001. http://heart.bmj.com/cgi/eletters/86/5/e11#EL1.

Check your citation information using Pubmed.

Digital Object Identifiers (DOIs)

DOIs are a unique string created to identify a piece of intellectual property in an online environment, particularly useful for articles which have been published online before appearing in print (therefore the article has not yet been assigned the traditional volume, issue and page number reference).

The DOI is a permanent identifier of all versions of an article, whether raw manuscript

or edited proof, online or in print. Thus the DOI should ideally be included in the citation even if you want to cite a print version of an article.

How to cite articles before they have appeared in print
To cite an electronic article that has not yet appeared in print please use the following citation format:

1. Alwick K, Vronken M, de Mos T, et al. Cardiac risk factors: prospective cohort study. Ann Rheum Dis. Published Online First: 5 February 2004. doi:10.1136/ard.2003.001234

How to cite articles once they have appeared in print
Once the article has been printed the citation should also include the traditional year, volume and page numbers, as well as the DOI and original date of publication. 1. Vole P, Smith H, Brown N, et al. Treatments for malaria: randomised controlled trial. Ann Rheum Dis 2003; 327:765-8 doi:10.1136/ard.2003.001234 [published Online First: 5 February 2004].

More comprehensive guidance DOI's

PLEASE NOTE: RESPONSIBILITY FOR THE ACCURACY AND COMPLETENESS OF REFERENCES RESTS ENTIRELY WITH THE AUTHORS.

Supplementary files

You may submit supplementary material which may support the submission and review of your article. This could include papers in press elsewhere, published articles, appendices, video clips, etc.

Online only material

Additional figures and tables, methodology, references, video clips, raw data, etc may be published online only to supplement the printed article. If your paper exceeds the word count you should consider if any of the article could be published online only as a "data supplement". These files will not be copyedited or typset.

Brench>Press

All supplementary data files should be uploaded to Bench>Press using the supplementary file section. These files are not converted to PDF but will be provided to reviewers and editors in the format in which you supply them.